

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		1 de 45									

MORGAN, C.

2003. *Early Greek States Beyond the Polis*. Londres, Routledge: 1-44.

[tradução: Maria C. Abramo; revisão Labeca]

Introdução

Este livro explora os diferentes níveis de identidade, por meio dos quais as comunidades da Grécia continental se constituíram durante o início da Idade do Ferro e do Período Arcaico. Assim como as identidades sociais individuais consistiram em um palimpsesto de traços herdados e atribuídos (tais como idade, gênero, diferentes formas de riqueza, trabalho e profissão) mais ou menos importantes, de acordo com as circunstâncias, a identidade política de cada comunidade também foi construída a partir de um complexo de associações, incluindo a relação com uma pólis, um *éthnos* ou um grupo interno a ele, que poderia ser diferentemente medida de acordo com a vantagem percebida por aquela comunidade. Longe de serem formas de estado distintas e alternativas, *póleis* e *éthne* eram, então, níveis de identidade com os quais as comunidades podiam se identificar com entusiasmo e motivação variáveis conforme o momento. E a esses poderiam ser somados classes fora da comunidade e vínculos de interesse (por exemplo, os laços de *xenía*), enfatizando assim que, enquanto o patriotismo é louvado como uma virtude pública na elegia marcial Arcaica, ele é notavelmente ausente nas epígrafes funerárias da elite¹.

Entender o desenvolvimento cronológico e o equilíbrio entre os vínculos de lugar é um desafio particularmente importante, frequentemente muito localizado, com noções mais gerais de pessoas e/ou geografia na construção das identidades políticas. Como será visto nos capítulos seguintes, quando indícios politicamente importantes aparecem, geralmente no século sexto ou no quinto, como a cunhagem de moedas e certos usos da cidade ou das etnias regionais, não há um espaço de tempo significativo entre a ocorrência de exemplos relacionados às cidades individuais e às regiões. Há certamente casos em que um aparece marginalmente antes do outro – a cunhagem federal de moedas aparece primeiro na Fócida, enquanto que a cunhagem por cidade, aparece em Acaia em primeiro lugar, por exemplo²– mas essa discrepância

¹ Herman 1987: 156-61; Robertson 1997.

² Focéia: Head 1911: 338; Williams 1972, 5-12; McInerney 1999: 178-9. Acaia: Head 1911: 412; Kroll 1996: 52 nota 14 (com bibliografia prévia) defende novamente a atribuição a

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		2 de 45									

parece estar mais relacionada à uma avaliação de opções do que a um tipo de progressão cronológica que poderia indicar alguma seqüência evolutiva de organização política. O registro arqueológico, então, oferece a única perspectiva de obter profundidade cronológica, mas ele tem suas próprias dificuldades e limitações e requer uma exploração mais plena de nuances do que a que tem sido sustentada até agora.

Este livro se move tanto literalmente quanto metaforicamente para além da pólis. Direcionar o foco para os diferentes tipos de identidade, por meio das quais as comunidades poderiam adquirir proeminência política (por exemplo, as circunstâncias e a maneira como o grupo se fecha), coloca a pólis num contexto político diferente e mais completo do que as análises tradicionais o fazem. Geograficamente, as regiões que produziram a maior parte do material, no caso, discutido nos próximos capítulos (Tessália, Fócida, Lócris Oriental, Acaia e Arcádia) ficam à margem do que tem sido considerado o mundo da pólis. Apesar da riqueza e complexidade de seus registros materiais, elas não aparecem extensamente nos relatos sintéticos sobre a formação dos estados no início da Idade do Ferro e no Arcaico, e a perspectiva adotada aqui oferece uma boa oportunidade de restabelecer o equilíbrio.

Certos aspectos de minha abordagem não são inteiramente originais³, mas o livro como um todo é construído a partir de descobertas e argumentos relativamente recentes, vale a pena parar para refletir sobre a coincidência de tendências acadêmicas que torna o assunto tão atual. Particularmente, surpreendente é a transformação radical na natureza e extensão do registro material da maior parte da Grécia, com novos dados que frequentemente desafiam suposições e preconceitos correntes. A descoberta de um novo sítio ou uma nova escavação em um sítio já escavado em áreas de importância reconhecida provou-se extremamente frutífera (Skala Oropos, no norte da Ática e Cumas, na Eubéia são casos desse tipo)⁴, assim como o impacto de projetos regionais na recontextualização de sítios conhecidos (tais como *Praisos* e sítios

Egas antes de *Algion*. A cunhagem de moedas por cidade não é um *sine qua non* para o status de pólis (Martin 1995) mais do que a cunhagem regional mais ampla (como as moedas *Arkadi-kón*: Heine Nielsen 1996b) necessariamente implica em alianças formais. Muitas *póleis* não emitiam moedas (especialmente no período arcaico tardio) ou dividiam cunhagens federais comuns: Martin 1995. Eu meramente diferencio o nível político ao qual cada valor é garantido, levantando assim a questão de diferentes motivações por trás da instigação de cunhagem (mais discutido no capítulo 2).

3 Ver: Archibald 2000; Morgan 1991 e 2001c; Mclnerney 1999: 3-35; Bommeljé et al. 1987: 15 (S. Bommeljé).

4 Oropos: Mazarakis Ainian 1996 e 1998. Cuma: Sapuma-Sakellaraki 1998.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		3 de 45									

na região Kavousi no leste de Creta)⁵ e a reavaliação de achados anteriores que alteraram radicalmente nosso entendimento da cronologia e função do sítio (como, por exemplo, em Istmia, Olímpia e na área da ágora ateniense mais recente⁶). Além disso, sínteses de dados provenientes de regiões como a Acaia, anteriormente consideradas fim de mundo, revelaram quantidade suficiente de informações para sustentar ao menos uma reconstrução preliminar da organização local⁷. Raramente, novas pesquisas como as realizadas em Lócris oriental ou na Macedônia ocidental, revelaram um registro anterior em regiões sobre as quais não se tinha quase nenhum conhecimento prévio⁸. Talvez mais impressionante, no entanto, seja a mudança no equilíbrio do registro arqueológico, quando as evidências advindas das regiões supostamente ‘periféricas’ chegam para complementar e desafiar aquelas provenientes das ‘grandes *pólis*’ tradicionalmente estudadas, como Atenas, Argos e Esparta. Quando grande parte da evidência usada para traçar o surgimento da pólis, tal como ela é tradicionalmente concebida (por exemplo, como uma cidade-estado independente, combinando *ásty* e *khóra*) não é claramente específica, ou peculiar à mesma, é tempo de reavaliá-la.

Relacionada a isso está uma apreciação mais balanceada do contexto mediterrânico das diferentes comunidades ‘gregas’ e da natureza de sua ‘helenidade’. Este assunto já foi estudado por um bom número de acadêmicos, a partir de diferentes perspectivas e, às vezes, com interesses conflitantes (ressaltando, por exemplo, o longo debate sobre o papel e a identidade dos Fenícios, entre outras populações do leste, ou o impacto dos assentamentos gregos na situação colonial)⁹, mas não é preciso se ater à nenhuma visão em particular para reconhecer a importância do golpe crítico geral. Por trás destes argumentos está o reconhecimento de que a construção da ‘helenidade’, que deve tanto à Europa do século XIX, quanto aos gregos propriamente ditos, é um anacronismo neste período inicial. Enquanto a natureza e o desenvolvimento da

5 Praios: Whitley 1998. Kavousi: Haggis 1996.

6 Istmia e Olímpia: Morgan 1999a (ver 379-82 em Olímpia; ver também Eder 2001a e 2001b; Morgan publicação futura a). Agora: Papadopoulos 1996a.

7 Para publicações, ver Morgan e Hall 1996; Greco publicação futura; Morgan 1999b, como geralmente *CPCActs* 6.

8 Lócris: Dakoronia, 1990, 1992b e 1993 a e b; Onasoglou 1981; cf. Fossey 1990^a: 105-12. Kozani (Voion): Karamitrou-Mentesidi 1999: 142-56.

9 S. Morris 1992 continua sendo a avaliação mais completa do impacto das conexões orientais, um tema amplamente debatido para o qual ela tem frequentemente retornado; ver também artigos em Kopcke e Tokumaru 1992. Em relação às conexões ocidentais, especialmente a natureza do colonialismo e o impacto dos colonizadores gregos nas comunidades indígenas e vice versa, ver publicações apresentadas por Antonaccio 2001; Morgan 2001c; Albanese Procelli 1996.

	Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		4 de 45

identidade helênica já são por si mesmos grandes questões, eles extrapolam largamente o período que enfocamos e não vão nos interessar aqui¹⁰. Pode-se reivindicar uma existência pré-Heródoto tão antiga quanto a do século VI a.C., e não é possível ignorar traços como o alcance geográfico de um alfabeto comum para escrever em grego, já naquela época (ênfatizando a língua escrita, contudo o que o ato de escrever implica, deixando de lado distinções regionais da escrita)¹¹. Mas, ênfaticando nossa perspectiva continental, há claras diferenças (não menos importante em seu grau de saliência política) com o mundo pós-guerra persa do séc. V a.C., sem falar do séc. IV a.C., quando o comentário de Isócrates de que “o nome de heleno deveria ser aplicado a pessoas que partilham a cultura mais do que a ancestralidade dos gregos” facilmente abarcou a rápida expansão da cultura helenística¹².

Talvez, mais significativo do ponto de vista arqueológico seja o reconhecimento de que, abertamente, a interconexão entre o início da Idade do Ferro e o Mediterrâneo Arcaico, a proximidade geográfica e os pontos de referência social comuns poderiam transcender o que, mais tarde, de um ponto de vista helenocêntrico, pareceria uma maior distância étnica. Sob estas circunstâncias, afirmações de autoctonia (para não dizer pureza racial) foram enfraquecidas por sua inabilidade em representar qualquer papel útil na articulação de associações e diferenças que definiram diferentes formas de grupo e tipos de contato. É fácil ver como, por exemplo, um cidadão de Ítaca do século VIII ou VII a.C. poderia ter tido tantos e tão variados contatos com qualquer uma das (por vezes multiétnicas) comunidades ao redor da Baía de Nápoles, ou um habitante de Corfu, com Ilíria ou Salento, assim como, ambas com Corinto, apesar de que, no último caso, o assentamento coríntio havia sido reivindicado (principalmente com base no estilo cerâmico) e, no último, a colonização foi atestada como tendo ocorrido no final do século VIII¹³. Precisamente com quem se escolhe estabelecer e manter contato particular e como os interesses representados em cada caso podem flutuar, são questões controversas e em muitos casos impossíveis de resolver. Em Lefkandi, por exemplo, como em Atenas e Cnossos, foram achados artigos de luxo cipriotas, fenícios e sírios nas tumbas (aqui dos séculos X e IX a.C.),

10 Ver, por exemplo, Cartledge 1993.

11 Jeffery 1990 provê uma visão geral geográfica fundamental; Johnston 1996 (fig. 1); Wachter 1989.

12 Hall 1997: xiii; Cartledge 1995. Como Thomas Heine Nielsen aponta (pers. comm.), a perspectiva do continente tem alguma importância aqui, assim como a consciência da ‘greekness’ certamente representa um papel diferente e talvez mais importante no mundo colonial (por exemplo, o *Hellenion* de Naucratis).

13 Morgan 1998a e 2001b; *contra* Waterhouse 1996.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		5 de 45									

mas os eubeus realmente procuraram ativamente por eles?¹⁴ Se a extensão da dispersão atingida pela cerâmica da Eubéia, especialmente ao longo da Costa Levantina e em Pitecusa, a oeste, representa assentamentos eubeus ou trocas realizadas com eubeus e/ou com outros é igualmente debatida, mesmo que estas não sejam sempre as questões mais interessantes para se perguntar em face de tal material.¹⁵ No caso dos *éthne*, um pequeno mas significativo volume de evidências epigráficas aponta para uma atividade de longa distância realizada por habitantes das regiões consideradas neste estudo. Em Komos, onde havia uma intensa atividade mercantil grega durante o final do VIII e início do VII a.C., grafites em vasos locais (presumivelmente escritos *in situ*) incluem exemplos em escrita de Lócris ou da Fócida, assim como da Eubéia ou Beócia¹⁶. E, em regiões como a Acaia, que tem um território costeiro extenso, a dimensão e a natureza de seu envolvimento no comércio e na colonização são questões importantes, enfatizando que o papel representado pela escolha e utilização de importações em diferentes sistemas locais é tão revelador na avaliação do nível e da natureza do envolvimento da comunidade no comércio quanto a produção, o transporte ou qualquer outra atividade mercantil.¹⁷

Não é acidental que a maioria das análises de material correlacione e que as consequências da mobilidade de bens e de pessoas dentro e para além do mundo grego tenham sido direcionadas para regiões como Creta e Chipre, cuja posição geográfica tornou, no mínimo, tais contatos rotineiros.¹⁸ Mesmo sob tais circunstâncias, como Gail Hoffman concluiu ao considerar a Creta do início da Idade do Ferro¹⁹, identificar os processos que operam em cada caso individual pode ser extremamente difícil e seu estudo ressalta as limitações da metodologia baseada em tipologia na avaliação desse tipo de problema. No entanto, o exercício ressalta o ponto básico de que mobilidade e interação são as linhas de base contra as quais questões de identidade devem ser abordadas e isso, por sua vez, tem profundas implicações para o nosso entendimento dos registros

14 Kourou 1990-1; Popham 1994: 12-26; Popham e Lemos 1995; Antonaccio 1995b.

15 Para uma seleção eclética da extensa bibliografia sobre esse assunto, ver: Popham 1994: 26-33; Boardman 1990; Sherrat e Sherrat 1992; Sorensen 1997; Coldstream 1994; Docter e Niemeyer 1994; Boardman 1994. Sobre os eubeus na Macedônia ver Snodgrass 1994; Papadopoulos 1996b.

16 Csapo et al. 2000, caps. 11 (eubeu, dedicatória?), 17 (provavelmente ático ao invés de eubeu ou cicládico, marca do dono), 27 (provavelmente locriano, foceu ou do norte da Beócia, marca do dono). Ver Csapo 1991 e 1993 para uma visão geral.

17 Appadurai 1986. Estudos de caso no mundo grego tem se focado raramente em dados iniciais: ver Polignac 1992 sobre importações em templos do início da Idade do Ferro e Arcaico.

18 Dentro da extensa literatura, ver o mais recente Hoffman 1997; artigos em Karageorghis 1994; artigos em Karageorghis e Stampolidis 1998; Swinton 1996.

19 Hoffman 1997, conclusão; Kourou 2000 adota uma visão mais positiva.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		6 de 45									

materiais da Grécia antiga e do mundo colonial (de fato, as divisões acadêmicas entre os dois são de validade discutível).²⁰ O outro lado deste problema é a questão do enclausuramento social. Como e sob quais circunstâncias os diferentes tipos de comunidades se constituem e se definem e em que nível eles eram proeminentes para seus membros? Existem (reconhecidamente) poucos casos dos quais talvez, paradoxalmente, Corinto no início da Idade do Ferro seja um²¹, em que a evidência material existente, proveniente da própria região, mostra muito pouco sinal de contato externo, a não ser pelos vizinhos imediatos. Em Corinto, o que parece ser uma combinação de falta de interesse por artigos importados (ou ao menos aqueles responsáveis por deixar traços no registro arqueológico) combinada a um cuidado considerável e uma conservadorismo na disposição da riqueza material e especialmente dos recursos recicláveis como o metal, estes sugerem que níveis de abertura ou fechamento podem nem sempre se expressar de maneira que sejam facilmente identificáveis no registro material. De modo geral, no entanto, ao fazer uma aproximação muito ampla em relação às questões de interação, mobilidade e especialmente de influência oriental, existe o perigo de perder de vista a complexidade e a variedade da ordem da comunidade pelas terras gregas. Atingir um equilíbrio no entendimento de padrões locais de desenvolvimento, sem recorrer a argumentos totalmente particularizados, demanda um foco na natureza de cada nível de identidade e seu ponto de fechamento.

Éthnos e Pólis

Um dos temas centrais deste livro é a falha de uma terminologia política de uso comum (ou talvez melhor, da nossa interpretação da terminologia antiga) adequada a descrever e explicar a variedade de situações evidentes no registro.²² Já há muito tempo é necessário que se reexamine o entendimento que os gregos do Arcaico e do Clássico tinham sobre os termos pólis e *éthnos*, além da fundamental importância do programa de pesquisa que vem sendo realizado desde 1993 pelo *Copenhagen Polis Centre*. O objetivo do Centro é enganadoramente simples: compilar um inventário das *póleis* gregas arcaicas e clássicas, assim nomeadas em fontes contemporâneas e, tentar entender,

20 Purcell 1990.

21 Morgan n.d; Pfaff 1999: 114. Uma possível exceção seria a coleção de argolas de ouro do século VIII/VII a.C. que estão atualmente em Berlim e que constam como sendo de Corinto: Furtwangler 1884. Sobre o conservadorismo análogo em período clássico, ver Pemberton 1999.

22 Davies 1997 retoma muitas das questões-chaves.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		7 de 45									

utilizando todas as espécies de verificações – como o termo pólis era entendido na época e compará-lo ao significado atual.²³ Naturalmente, ao longo do desenvolvimento e execução do programa, muitas críticas foram feitas e alguns ajustes tiveram que ser realizados, mas isso não tem relevância para a presente discussão.²⁴ Eu enfatizaria o valor das perspectivas abertas pelo Centro no estudo dos *éthne* e no papel das *póleis* entre eles. Um princípio básico é que tudo o que era chamado de pólis numa fonte Arcaica ou Clássica devia ser uma pólis, mesmo que essa pólis não condissesse com os ideais antigos ou modernos²⁵, mas é impossível haver uma pólis que não seja uma verdadeira pólis. Apesar do conceito de pólis ‘típica’ ser altamente evasivo (senão uma ficção moderna)²⁶, muita atenção já foi devotada, no meio acadêmico, à sua caracterização, e ele pode ser percebido numa grande variedade de termos, às vezes contraditórios, que vão da constituição à cidadania e ao desenvolvimento físico (especialmente urbanização, *per se* ou relativa às instituições de governo).²⁷ A investigação de Copenhagen, no entanto, rejeita a ênfase, implícita ou explícita,²⁸ em modelos abstratos de tipos de estado, com suas implicações de extemporaneidade em favor da pólis como um conceito histórico identificado e caracterizado por decreto.

O trabalho do Centro abarcou questões relacionadas às percepções gregas sobre a pólis, que incluem as concepções gregas de seus próprios padrões de assentamento e o que cada pólis fazia (examinando cada registro de nome de sítio, *inter alia*, inscrições, ações conhecidas, características de construção e instituições).²⁹ Muitas das inspirações advindas deste trabalho serão discutidas nos capítulos seguintes. Aqui, eu focalizarei em dois pontos de importância mais geral. O primeiro é a observação de que algumas características estão tão interligadas ao status de determinada pólis, que elas chegam a ser indicativas desse status. Talvez a característica mais clara e mais útil para nossos propósitos seja o aparecimento da etnia da cidade, já que isso ocorre primeiro em regiões como a Arcádia, onde outras evidências do status da comunidade podem ser difíceis de encontrar.³⁰ Em segundo lugar, já foi demonstrado que *autonomia*

23 Hansen 1997d faz um relato sucinto do programa.

24 Ver, por exemplo, questões levantadas por Rhodes (1995: 91-2) sobre o grau de precisão com o qual os gregos usavam sua própria terminologia política e a resposta de Hansen (1996, 18-20).

25 Como Snodgrass 1980: 44, conclui.

26 Ruschenbusch 1978; Gehrke 1986; Gawantka 1985 faz uma crítica minuciosa; Kinzl 1988.

27 Sakellariou 1989 para uma revisão sistemática,

28 Como no trabalho de Victor Ehrenberg (ver, por exemplo, Ehrenberg 1969: xi-xii; para uma revisão das respostas ver Sakellariou 1989: 49-52).

29 Hansen 1996.

30 Heine Nielsen 1996a: 117-32; Heine Nielsen 2002: 161-3, 199-200, 212-14.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		8 de 45									

não é um pré-requisito para o status de pólis.³¹ Este é um ponto de importância central, já que a premissa contrária anterior leva à conclusão que a pólis era incompatível com qualquer outra forma mais elevada ou paralela de organização política. Como resultado, o abandono controlado da autonomia era visto como passo fundamental na criação das grandes federações do final do Clássico e do Helenístico que, por sua vez, foram forçadas a procurar por algum senso de identidade étnica (tribal) primário e politicamente dormente que unisse seus membros. Então o *éthnos*, embora primitivo, era visto como a forma mais duradoura de organização política. Mas, como a investigação de Copenhagen mostrou³², as *póleis* podiam ser dependentes de outras *póleis* (como as *póleis perióikikas* na Lacônia, Messênia, Elis e Creta)³³, ou existir dentro do território dos *éthne* (como os da Acaia, Arcádia ou Beócia).³⁴ Em outras palavras, qualquer que fosse a forma precisa de organização interna, as comunidades políticas chamadas *póleis* eram entidades com as quais seus membros podiam se identificar de maneira diferente (complementar ou conflitante) da qual eles se identificavam com o *éthnos*, ao qual eles pertenciam simultaneamente. Como mostra a citação no início deste capítulo, era prudente legislar para tais eventualidades.

Como foi enfatizado no início deste capítulo, uma consequência importante do abandono da autonomia foi a reabertura da questão da cronologia relativa e do contexto de atribuição de preponderância política a essas diferentes identidades (*póleis* e/ou sub-unidades étnicas de várias formas e *éthne* localizados, ou tribos, como são geralmente chamados) em diferentes regiões. Esta autonomia, por sua vez, aparece como uma característica definidora da pólis assim como a aceitação de que identidades niveladas eram mais comuns do que as não niveladas.³⁵ A maneira como a pólis era concebida pelo meio acadêmico, na maior parte dos séculos XIX e XX (para fazer eco a Victor Ehrenberg), como a forma mais dinâmica, criativa e influente de organização política no mundo Arcaico e Clássico, não mais se sustenta.³⁶ É certamente verdade que em algumas das *póleis* arcaicas não há evidência de nenhuma outra forma politicamente preponderante de identidade: Corinto é talvez o caso mais surpreendente (ver p. 57). Mas não há fundamentos para priorizar esses, comparativamente poucos, casos em detrimento de sistemas políticos como aqueles da Acaia ou da Tessália,

31 Hansen 1995a.

32 Hansen 1997c.

33 Shipley 1997; Hall 2000; Roy 1997; Perlman 1996.

34 Morgan e Hall 1996; Heine Nielsen 1996a: 132-41; Heine Nielsen 1996c; Hansen 1995b.

35 Atenas é uma exceção, mas como Hall 2000 mostra, Esparta provavelmente não.

36 Ehrenberg 1969, 25. Sakellariou 1989 faz a mais abrangente revisão acadêmica; ver também Daverio Rocchi 1993, Pt. I Cap. 1.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		9 de 45									

que tinham níveis mais complexos de identidade, atuavam internacionalmente no comércio, na colonização e nas guerras, além de manter interconexões sociais complexas com outros sistemas de estado. De fato, eles devem ter muito a nos ensinar sobre a evolução política de *póleis* internamente complexas como Atenas (como, por exemplo, os patronímicos como *Eupuridai* e *Kuantidai* vieram a se associar tão intimamente com lugares que poderiam fazer parte da estrutura clistênica de demos?).

Claramente, uma nova avaliação do papel da pólis como foco de identidade política questiona nosso entendimento do termo *éthnos* anterior à formação de ligas políticas mais amplas e abrangentes no final do século V e IV a.C. Até recentemente, o interesse pelos primeiros *éthne* esteve centrado na busca pelas raízes primordiais dos estados federais recentes, seguindo a crença de que o *éthnos* seria mais duradouro ou ao menos mais capaz de transformação e adaptação às circunstâncias de mudança no mundo pós-Clássico do que as *póleis*.³⁷ Um modelo particularmente influente, desenvolvido quase completamente por Fritz Gschnitzer, faz uma distinção entre comunidades tribais ou *stem* (*Stammesgemeinde*), ou estado (*Stammstadt*) e a *Ortsgemeinde*, uma comunidade definida pelo lugar, ligada ao *Stadtstaat*, ou pólis³⁸. De acordo com essa visão, comunidades *Stamm*, nomeadas de acordo com suas tribos constituintes (i.e. étnico, ver abaixo), formaram a base das cidades-estado quando partes delas se separaram e estabeleceram grupos locais em seu próprio local de identidade.³⁹ *Stammstaaten*, localizados geograficamente no norte e oeste da Grécia, eram conservadores enquanto que os avançados *Stadtstaaten*, principalmente no sul e no centro da Grécia, foram responsáveis por desenvolvimentos tardios como a colonização.⁴⁰ Como uma indicação da cronologia dessa transformação, Gschnitzer cita a referência de Homero às cidades-estado iniciais (*póleis*) no leste grego, assim como seu uso de plurais étnicos que são tomados como evidência de *Stammstaaten*.⁴¹ O modelo é explicitamente evolucionista e, já que a tribo como origem dos desenvolvimentos

37 Por exemplo, Giovanninni 1971: 71-93; Runciman 1990; Larsen 1966: 22-31; Larsen 1968: 3-8, 11 (embora mais centrado nas circunstâncias internas dos *éthne* do que no contexto do federalismo inicial).

38 O termo e seu pedigree é discutido mais completamente por Gschnitzer 1955; ver também Gschnitzer 1960: 11-28.

39 Então, por exemplo, Wade-Gery 1924: 60 se refere ao 'reconhecimento do fato de que a Tessália não era mais um *éthnos*, mas uma coleção de póleis'. Effenterre 1958b: 157-67 é uma exceção parcial.

40 Gschnitzer 1971: 1.

41 Gschnitzer 1971. Para uma revisão crítica das fontes literárias aceitando as póleis homéricas: Raaflaub 1993: 46-59.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		10 de 45									

tardios é, por definição, primordial, deve haver alguma causa excepcional (geralmente migração) que o explique. Detalhes precisos da progressão evolutiva foram debatidos e, particularmente, um estágio intermediário entre os *demos* e as *komai* é, às vezes, invocado.⁴² No entanto, o princípio fundamental da evolução social recebeu aqui menos atenção (com notáveis exceções, como no trabalho de Kurt Raaflaub e Denis Roussel)⁴³ e, como será discutido, eu também percebo isso como fundamentalmente falho. Duas objeções específicas devem ser levantadas aqui brevemente e vão ser recorrentes de modos diferentes ao longo deste livro. Primeiro, *ethnika* não denota de maneira confiável nenhuma forma particular de ordem política, assim como afirmações construídas de identidade grupal estão sujeitas à mudanças de natureza e de significado.⁴⁴ Segundo, os registros arqueológicos de muitas regiões ostensivamente diferentes indicam que a construção de lugares localizados e comunidades regionais mais amplas era um processo dinâmico, paralelo e contínuo. Com efeito, em vários casos (Arcádia, por exemplo) é possível reverter a seqüência de desenvolvimento implícita no modelo de Gschnitzer e ver a politização de identidades étnicas e regionais como um fenômeno relativamente tardio, pós-cidade.⁴⁵

Discussões antigas sobre os *éthne* como organizações políticas são raras e geralmente datam do final do século V a.C. em diante, fato que cria dificuldades historiográficas significativas para se criar generalizações baseadas nas mesmas. Os comentários mais antigos são duas passagens breves na *História* de Tucídides que aparecem em dois contextos retóricos muito diferentes. Em seu relato sobre a tentativa de Messênia de persuadir o general ateniense Demóstenes a atacar os etólios, Tucídides [3.94.4] afirma que os messenianos descrevem os outros como belicosos mas que usam armamento leve e vivem em vilas extremamente dispersas e, portanto, fáceis de derrotar antes que eles pudessem se unir para as defender. A súplica especial usada para a persuasão de Demóstenes é perfeitamente evidente: os étolianos são descritos como valorosos, inimigos belicosos, mas que os atenienses poderiam vencê-los com facilidade (e para dar uma cor a mais, em 3.94.5, os euritanianos são descritos

42 Sakellariou 1989: 333, fazendo eco à visão de Aristóteles de *kome* como a ligação entre *oikos* e pólis [*Política* 3.5.14-15].

43 Raaflaub 1993: 77-8, nota 167; Roussel 1976: 3-13. Ver também Funke 1993.

44 Hall 1997, cap. 3; uma posição semelhante é defendida por Daverio Rocchi 1993: 107-12.

45 Percepções evolucionistas ao redor de *Stammstadt* também não se encaixam a uma grande variedade de modelos gerais de desenvolvimento, como os de Dolan 1985 e 1989; Welwei 1983, Pt. II; Welwei 1988; Welwei 1992, Pt. II. No caso da Arcádia, Heine Nielsen 1999: 60 argumenta que as tentativas de politizar a identidade étnica (principalmente em oposição à Esparta) nunca foram completamente bem sucedidas.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		11 de 45									

como ‘de acordo com o relato, comedores de carne crua’⁴⁶. Tucídides [1.5.2] faz uma observação geral de que as condições antiquadas pelas quais os homens se armavam e as comunidades pilhavam e saqueavam os fracos de espírito, ainda permaneciam em certos *éthne*, mencionando especificamente os Lócris Ozólia, etólios e acarnânios. Esse trecho em particular é citado por Larsen⁴⁷ como evidência da fraqueza do governo doméstico no *éthnos*, com a cidade vista como o agente que preenche a lacuna que surge a partir das necessidades de defesa dos habitantes das vilas dispersas e não fortificadas. Enquanto essa leitura claramente se encaixa na visão mais abrangente de Larsen, aqui também é importante enfatizar o contexto da passagem. No livro I de sua *História*, Tucídides monta o cenário para o que ele acreditava ser a maior guerra entre gregos desde a Guerra de Tróia e tenta estabelecer porque uma guerra travada entre duas *póleis* específicas, Atenas e Esparta, de uma maneira específica, deveria receber tanta atenção. Ele, então, faz um breve relato, quase evolucionista, sobre as guerras gregas a partir de Tróia e, dada a estrutura da argumentação, inevitavelmente os métodos de batalha que não são ‘modernos’ e as regiões que não se adequam ao ideal de adversário que é o seu foco, são consideradas, na melhor das hipóteses, subsidiárias. Tucídides pode ter sido perfeitamente preciso acerca do nível de violência na sociedade de Lócris ou na Etólia durante o século V a.C., mas seus comentários não se encaixam nas análises dessas regiões, muito menos suas apreciações sobre os fatores por trás do fenômeno que ele observou.

É Aristóteles, no entanto, que provê a base para a mais moderna discussão sobre o *éthnos*. Isso raramente se apóia em discussões detalhadas de casos específicos. Quase todas as aproximadamente 158 constituições que Aristóteles escreveu ou encomendou na preparação da *Política* se perderam, mas há indicações de que elas incluíam relatos da federação da Arcádia mais Tegéia e Lepreon, da Tessália e da Acaia, assim como da pólis acaia de Pelene. Fragmentos que sobreviveram da constituição da Tessália mencionam a divisão da região em tétrades e referências, na *Política*, ao governo de Farsalos [5.5.7] e Larissa [5.5.9], por exemplo, sugerem um conhecimento detalhado das cidades individuais.⁴⁸ A perda desses trabalhos deixa claramente uma grande lacuna.

46 Ver Funke 1997: 169-72 (notando a existência de substanciais centros de assentamentos e de *póleis* na Etólia) com comentários em apêndice de M. H. Hansen (173-4).

47 Larsen 1968: 6.

48 Müller 1878: 102-77. Tessália: Rose fragt. 497, 498; *FrGHist* IIIb, 602, Kommentar, 677-81. Acaia e Pelene: Cícero (*Ad Att* II, 2) comenta que ambos foram escritos por *Dikaiarchos*, um aluno de Aristóteles. Larsen 1945: 74 e nota 55. Sobre a hitoriografia arcaica e tradições locais, ver Lasserte 1976.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		12 de 45									

Em contraste, os trabalhos românticos, quase históricos produzidos no século III a.C., notavelmente Rhiano, do épico de Bene, *Thessalika, Achaia, Eliaka e Messeniaka* e o trabalho em prosa de Euphorion, *Nos Aleuades*, se encaixam na moda contemporânea de heroizar histórias locais e que também se reflete nas dedicações 'históricas' em sepulturas (como discutido no capítulo 3, no caso de Delfos), se tais fontes tivessem sobrevivido teriam sido com certeza problemáticas para servir como base para a reconstrução das sociedades iniciais que elas se propõe a descrever.⁴⁹

Ao contrário, os estudiosos tendem a confiar em certas afirmações gerais feitas na *Política*, mas com considerável risco de incorrer em interpretações errôneas. Como Mogens Hansen recentemente reafirmou, a consideração do contexto geral da analogia de Aristóteles entre *symmachies* e *éthne* na *Política* [2.1.4-5], sugere que ele reconhecia que a maioria das *éthne* gregas estavam em coleções efetivas de *póleis*. Já que para Aristóteles a distinção entre as duas era quantitativa (compare sua bastante citada observação na *Política* [7.4.7], em que refere-se aos *éthne* que podem ser distinguidas por suas grandes populações), a pólis era, nas palavras de Hansen, 'o átomo da ciência política' além da qual era desnecessário avançar.⁵⁰ Aristóteles, muito provavelmente, tinha uma visão do que era o *éthnos*, mas seu propósito não era explicá-la ali. Ele ressalta alguns contrastes entre as ordens políticas gregas de seu tempo, fossem elas dos *éthne* primitivos ou de estados constitucionais avançados, em relação, por exemplo, à falta de qualidade política, sinecismo (físico e/ou político, por exemplo 7.4.7), o papel do comércio *versus* o câmbio primitivo [1.3.10-12] e o reinado [1.1.7-8]. Quão verdadeiro era isso, é discutível, mas dada a variedade de circunstâncias que engloba e a atitude geral de Aristóteles, como foi explicitada acima, não podem ser tomados como um conjunto consistente de características com as quais se poderia fazer uma aproximação mesmo do *éthnos* grego do final do século V a.C. e início do IV a.C.⁵¹ Mais importante, Aristóteles escreve a partir de um mundo diferente daquele considerado neste livro e os perigos da retroação são consideráveis.⁵²

A perspectiva evolucionista e as observações negativas que podem ser lidas em Tucídides e Aristóteles se unem em abordagens sobre a evolução do Estado na Idade do ferro inicial e do Arcaico, que tratam o *éthnos*, quase por

49 Para reflexões análogas sobre o uso da *Messeniaka* de Rhiano em narrativas posteriores da primeira guerra messênica: Pearson 1962.

50 Hansen 1999.

51 Huxley 1980; Barker 1946, introdução; para uma visão geral sobre os objetivos e métodos de Aristóteles, ver Johnston 1988.

52 Coldstream 1984a e 1984b.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		13 de 45									

engano, como imagem negativa (ou até precursor) da pólis⁵³, apesar de várias evidências sobre a natureza de seu desenvolvimento físico e engajamento político, que fazem tais proposições prontamente testáveis (e, em alguns casos dificilmente as refutam). Isso é verdadeiro para escritos históricos, tais como os de Victor Ehrenberg, Giovanna Daverio Rocchi e Frederick Larsen tanto quanto para o trabalho arqueológico de Anthony Snodgrass, *Grécia Arcaica* de 1980, que, apesar de inevitavelmente ultrapassado nos últimos 20 anos por fatos e argumentos, se mantém justificadamente influente como a primeira integração programática de dados arqueológicos em análise histórica sobre formação da pólis⁵⁴. Então quando, por exemplo, Ian Morris cita Aristóteles [*Política* 2.2.29-30] e argumenta que a diferença crucial entre pólis e *éthnos* é que o último não era uma sociedade política, apesar de que, como ele reconhece, os dois mostram fortes semelhanças no desenvolvimento material (por exemplo, em bases de subsistência, padrões de assentamento, edifícios públicos monumentais e escrita), e um *éthnos* poderia fazer a maioria das coisas que uma pólis fazia, desde guerrear até aumentar taxas e estabelecer tratados⁵⁵. A observação de Morris tem força no sentido de que vários laços de identidade operando dentro de áreas geográficas específicas, provavelmente adquiriram proeminência política em épocas diferentes e, a politização de etnias regionais (ou como elas serão chamadas, *ethnika*) era frequentemente posterior àquela da cidade-étnica ou *politika*. Mas esse não é o sentido com o qual isso era oferecido, já que ele parece bastante preocupado com pólis e *éthnos* como formas de estado geograficamente distintas. Deve ser notado que a análise não é ajudada pelo atenocentrismo, muito discutido nas estruturas políticas gregas iniciais, como McInerney corretamente enfatiza, Atenas passou a ser considerada normativa quando não era ainda nem normal.⁵⁶

Paradoxalmente, portanto, apesar do termo *éthnos* ter recebido pouca atenção analítica no mundo acadêmico antigo ou moderno, o uso moderno frequentemente carrega uma gama de associações, de tribalismo à migração, que não são inerentes ao grego⁵⁷. Fontes arcaicas e do início do clássico a partir de Homero usam o termo numa grande variedade de contextos para se

53 Sakellariou 1989: 297-8; Snodgrass 1980: 42-7. Uma rara exceção é a definição de Tritsch (1929, 1) dos *éthne* como pessoas mais do que estados, apesar disso se basear na crença de que a presença de cidades era o principal critério para estabelecer um nível de Estado e sua ausência significaria uma 'sociedade sem estado'.

54 Snodgrass 1980, e subsequentemente 1991 e 1993. Cf. Whitley 1991a: 39-45.

55 Morris 1987: 6-7.

56 McInerney 1999: 4. Morris 2000, pts. 3 e 4, apesar de admitir a diferença, oferece uma análise etnocêntrica em termos amplamente convencionais.

57 Para um resumo crítico, ver McInerney 2001: 51-63,

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		14 de 45									

referir a quase qualquer forma de grupo de seres, humanos ou animais, sem a consistência evidente do uso contemporâneo do termo pólis. Isso é bem ilustrado pelos exemplos escolhidos para sustentar os verbetes do dicionário de Liddel-Scott-Jones no qual *éthnos* aparece aplicado a pessoas em geral [*laon*, *Ilíada* 13.495], pessoas específicas [como os lícios, *Ilíada* 12.330], pessoas de uma certa condição [como os mortos, *Odisséia* 10.526] ou gênero [mulheres, Pindaro *Olympian* 1.66] e animais ou pássaros [tais como abelhas, *Ilíada* 2.87].⁵⁸ Não há, então, conotação política (menos ainda organizacional) no termo como atestado durante esses períodos, e não se deve presumir nenhuma conotação, a não ser que seja especificamente introduzida por qualificação ou contexto de uso.⁵⁹ Novamente, não estamos sugerindo que aqueles que usavam o termo, na antiguidade, para classificar quaisquer pessoas específicas como um grupo, não tinham uma visão clara de porque o faziam, mas é precisamente essa qualificação tão específica que deveria ser assunto de investigação, mais do que uma suposição. De fato, tomando a definição inocente de *éthnos* como grupo, o produto do discurso que é a etnicidade, sugere uma forma de classificação flexível e amplamente aplicável como um aspecto importante da mentalidade do início da Idade de Ferro e do Período Arcaico.⁶⁰ Os *éthne* eram, então, socialmente e frequentemente politicamente, os resultados reais de um processo de definição, entidades não fixas (quanto mais imutáveis) para serem analisadas, demarcadas e explicadas. Simplesmente, gregos arcaicos podiam e pensavam em termos de identidade étnica quando consideravam sua própria organização política e status,

58 Hall 1997: 34-5; Smith 1986: 21. Pesquisadores de *éthnos* e seus cognatos em *TLG* ampliam a gama de usos junto à linhas que podem ser preditas a partir de *LSJ* sem revelar novos traços distintos. O termo *éthnos* poderia inclusive interpretar um importante papel na descrição das sociedades humanas, mas como Jones 1996 e Hall 1997: 35-6 ressaltam na discussão sobre a distinção entre Heródoto e Tucídides entre *éthnos* e *genos*, é como o termo menos preciso para um grupo no qual qualquer característica pode ser relevante em um contexto particular.

59 Citando a confederação Epirota, Giovannini 1971: 14-20 sugere que confederações não eram denominados *éthne* por causa de sua origem étnica, mas porque elas não poderiam ser *póleis*. Em contraste, Sakellariou 1989: 163 nota 1 usa '*éthnos*' para estados identificados com um *éthnos* ou tribo e *koinon* para uma confederação; a aquisição do significado de confederação para *éthnos* surge de uma coincidência de várias confederações com *éthne*, portanto *éthnos*/nação=*koinón* de *póleis* ou comunidades dentro dele. Ainda assim, isso subestima o dinamismo de *éthne*; tanto na Acaia quanto na Arcádia, por exemplo, a *politicização* da identidade étnica posterga o desenvolvimento de comunidades locais, incluindo as *póleis*, mas aparentemente antecipa as ligas formais: Morgan e Hall 1996; Heine Nielsen 1996a. O fato do termo *éthnos* não implicar em nenhuma forma particular de organização política é também enfatizado por Bakhuizen 1989.

60 Minha posição ficaria então entre aquela de Giovannini 1971, 14-16 e Walbank 1985, 21-6, já que rejeitando as construções adicionadas ao termo pelo uso moderno (mas não antigo), eu não combato a ideia do termo ter significados adicionais em contextos específicos, nos quais ele foi usado na antiguidade. Parece claro que o termo *éthnos* é revelador da mentalidade classificatória inicial grega; minha preocupação é com os resultados em casos individuais.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		15 de 45									

e o reconhecimento deste fato fez surgir um interesse renovado pela real natureza daquelas regiões caracterizadas como *éthne* e frequentemente deixadas de lado por serem consideradas atrasadas (ao menos no nosso período). O estudo de Jeremy McInerney de 1999, sobre a Fócida, é um desses casos, assim como o trabalho coletivo do *Copenhagen Polis Centre* sobre a Arcádia.⁶¹

Éthne, etnicidade e tribalismo

O conceito de etnicidade está intimamente subentendido em qualquer discussão sobre o *éthnos* grego ao longo dessas linhas. Até de forma relativa recentemente seria necessário defender a visão de grupos étnicos gregos antigos não como entidades primordiais reais, mas como construções sociais que são o resultado de processos em curso de negociação das identidade reais para aqueles que os reivindicam e experimentam mas, mesmo assim, eletivos e constantemente abertos a reconfiguração. Felizmente, a natureza e o papel da expressão étnica na antiguidade grega tem estado entre os tópicos mais debatidos nos anos recentes, tanto entre arqueólogos quanto entre historiadores e os conceitos chave para a presente discussão estão bem abordados na literatura resultante.⁶² Partindo desse princípio, eu devo então tratar etnicidade como, citando Orlando Patterson, ‘aquela condição na qual certos membros de uma sociedade, num dado contexto social, escolhem enfatizar como sua base mais significativa de identidade primária, extra-familiar, certos traços presumidos culturais, nacionais ou somáticos. Em outras palavras, é uma questão de escolha contínua, manipulação ou politização, que ressalta características de acordo com sua importância ativa na estruturação e expressão de relações sócio-políticas entre a comunidade e na relação com os de fora’.⁶³ A ênfase é então colocada na estratégia de definição, de acordo com o contexto, mais do que precisamente no critério escolhido (de fato, comumente é notado que critérios etnicamente preponderantes raramente são definíveis de forma objetiva) – no processo mais do que no resultado.⁶⁴ Enquanto a abordagem de Patterson tem sido criticada

61 McInerney 1999, ver 10-22 para uma visão crítica das abordagens sobre *éthnos* no contexto de análise da Focéia. Arcádia: *CPCActs* 6.

62 Notavelmente Hall 1997; Morgan 1991 e 2001c (notar a relevância do volume como um todo); McInerney 1999: 25-35. Para uma revisão teórica geral e discussão das implicações arqueológicas, ver Jones 1997. Entre a literatura mais recente, ver, por exemplo, Horowitz 1975; Chapman et al. 1989; Mullings 1994.

63 Patterson 1975: 308; cf. Barth 1970. Para crítica: Smith 1986: 9-10.

64 Patterson 1975. Para uma revisão das abordagens, ver Hall 1997, cap. 2; sobre os critérios, Isaacs 1975. A definição e o significado de ‘culturas’ arqueológicas têm sido extensivamente discutidos, especialmente em relação à equação de *Kultur* e *Volk* (principalmente nos trabalhos

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		16 de 45									

por seu instrumentalismo, incluindo o fato de que a identidade étnica poderia ser reivindicada ou explorada para mascarar algum outro propósito (político e/ou econômico), parece evidente que as pessoas, às vezes conscientemente ou inconscientemente, escondem suas intenções para alcançar seus objetivos (e o propósito 'real' dificilmente será o único benefício ou consequência de qualquer afirmação sobre etnicidade). Mais seriamente, é enganador distinguir e privilegiar explicações enraizadas em, por exemplo, economia ou gênero, já que uma reivindicação étnica eficaz vai atrair o que quer que seja considerado (pelos de dentro e pelos de fora) melhor para articular a natureza distintiva do grupo em questão no contexto social em que ele opera.

Acima de tudo, eu discordo em ênfase (mais do que em substância) tanto de Hall quanto de McInerney, na distinção entre etnicidade, o processo de escolha por meio do qual um nível de identidade é construído ou priorizado em função da vantagem perceptível para o grupo, e *éthnos*, as consequências visíveis de tais processos e entidades enraizadas no tempo e espaço. O último se aproxima do que Anthony Smith denomina de comunidades étnicas, ou *éthne*, que quando politizadas, podem compartilhar algumas das mesmas características estruturais e materiais das nações. Não surpreende, portanto, que seis características de tal grupo étnico identificado por Smith carreguem tão notável semelhança com as áreas de análise ressaltadas na análise de Snodgrass sobre a formação da pólis grega.⁶⁵ Elas revelam, portanto, a existência de uma entidade politizada, mas não sua natureza precisa em cada caso. Etnicidade, no sentido empregado neste livro, tem a ver com aquisição, exercício ou subversão do poder. Isso não é sempre uma questão de obter domínio completo sobre uma sociedade ou área geográfica. Afirmações de etnicidade compartilhada ajudaram a sustentar

de Kossina e subsequentemente Childe), a exploração nazista disso e a consequente reação que produziu uma reversão para ideias mais neutras de 'cultura', substituindo 'pessoas ou raças': Shennan 1978; Shennan 1989: 5-14; Veit 1989; Childe 1929: v-vi, equaciona o termo 'pessoas' com cultura, e usa 'raça' quando restos de esqueletos de tipos físicos específicos aparecem; Trigger 1980: 40-53; Trigger 1989, cap. 5; McNairn 1980: 46-73; Hodder 1978: 3-24; ver Hall 1997: 1-2, 168-71 para uma revisão, e mais recentemente Brather 2000 para discussão do impacto sobre a arqueologia da Europa medieval. Até mesmo aqueles que aceitam que culturas arqueológicas não precisam ter conotações étnicas diretas podem ainda tratá-las como representações de grupos; Clarke 1978: 363-408. No contexto presente, eu trato 'cultura' como aquele nível de classificação que para o observador moderno representa o ponto de máxima coincidência na distribuição dos vários tipos e estilos de artefatos e, portanto, como uma fronteira 'média' artificial que rodeia os restos materiais do palimpsesto de atividades executadas por um grupo. O grupo é definido não pela 'cultura' mas pelos vários comportamentos nela representados. A análise de tais comportamentos, por exemplo, pelo contexto ou por tipo ou estilo de artefato, vai revelar tanto as subdivisões no todo e áreas de atividade que transcendem as fronteiras, ainda que em um nível geral, cultura ainda possa ser considerada uma ferramenta heurística útil.

65 Smith 1986, ver especialmente 22-32; cf. Snodgrass 1980.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		17 de 45									

estruturas frágeis de poder, como por exemplo, a relação politicamente desigual, entre Esparta e seus *períoikoi*, ou equilibrada, entre espartanos e hilotas.⁶⁶ Percebidas com atraso, expressões de identidade étnica traçáveis no registro material e histórico podem ser transitórias ou duradouras, mas para os de dentro elas são igualmente reais. Realmente, seria errado tratar traços recorrentes por um longo período como sendo, por definição, mais importantes, quanto mais como parte de alguma ‘profunda estrutura’ étnica, já que eles são produtos dos mesmos processos cognitivos operando por toda parte. Cada geração toma suas próprias decisões em relação ao que esquecer e ao que repetir, de acordo com seus próprios padrões de importância e, ainda com mais exatidão, introduzindo tanto a variação consciente quanto a inconsciente da norma herdada.⁶⁷

Claramente, seria desejável observar o comportamento étnico ao nível do participante individual, mas as evidências à nossa disposição raramente permitem que isso aconteça. Ao ler o registro arqueológico, nós geralmente observamos a média da identidade social assumida em qualquer contexto determinado – o ator, na terminologia de Clifford Geertz, um indivíduo consciente interpretando, por meio de seu comportamento, sua filiação a diferentes grupos sociais, mas ainda guiado por normas e valores da comunidade mais ampla.⁶⁸ Então, o que é essa comunidade? Eu tenho até agora usado o termo como uma descrição neutra para grupos que podem se definir de uma ou mais maneiras (inclusive em relação a uma pólis ou um *éthnos*), ainda assim, isso levanta questões. Como Anthony Cohen nota, ‘comunidade é uma dessas palavras – como “cultura”, “mito”, “símbolo”... que é, aparentemente, prontamente inteligível tanto para quem fala quanto para quem ouve, mas que, quando importada para o discurso das ciências sociais... gera imensa dificuldade’.⁶⁹ Minha abordagem será tratar a comunidade como um complexo de relações mais do que uma entidade orgânica individual, que tem a vantagem de demandar investigações sobre a natureza e a operação de tais relações em cada caso (um primeiro passo essencial se nós queremos entender como e para onde a expressão étnica deve ser dirigida). A ‘comunidade política’ cobre a variedade de relações comuns implícitas em, por

66 Shipley 1997: 203-4.

67 Morgan 1999^a: 369-72 para pontos análogos relacionados a comportamento ritual, derivados principalmente do trabalho de Pascal Boyer (Boyer 1990 e 1993); Morgan 2001c: 76-7, 81-4. Amnesia: Anderson 1991: 204; Pretzel 1999: 96-9, ilustra bem como as tradições históricas locais da Tégéia narradas por Pausânias deliberadamente excluem a maioria dos eventos pós-arcaicos (especialmente aqueles em torno das guerras pérsicas) nos quais os tegeatas cooperaram com Esparta.

68 Para uma revisão, ver Silverman 1990: 124-43. Shanks e Tyler 1987, cap. 3; Handler 1994.

69 Cohen 1995: 11-12.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		18 de 45									

exemplo, arranjos de moradia, obediência às leis, guerra, culto e estratégias de subsistência – áreas que as próprias fontes gregas identificam como chave para a expressão de identidades compartilhadas e que serão investigadas nos capítulos seguintes. Não é, no entanto, um sinônimo de pólis, apesar de ter sido tratada como tal, implícita ou explicitamente, por uma gama de estudiosos de Weber a Meier⁷⁰ e a pluralidade de sistemas locais e trajetórias por entre as terras gregas continua sendo um problema para ser pesquisado.⁷¹

É tentador indagar porque apenas alguns *éthne* adquiriram um alto nível de identificação política sobre uma grande área. Eram todos os *éthne* potencialmente equivalentes ou alguns tinham características que favoreciam seu sucesso político a longo prazo? Claramente, a situação no início da Idade do Ferro e no Arcaico grego não se encaixava na visão nacionalista de que as fronteiras étnicas deveriam durar tanto quanto as fronteiras políticas do Estado, e que é o grupo étnico, com sua cultura e território comuns, que define uma nação.⁷² Colocar o problema dessa forma ignora a natureza discursiva da identificação étnica, um constante processo de criação, atribuição e reattribution daquelas entidades com as quais as comunidades e os grupos se identificam. De fato, algumas ‘tribos’ ou *éthne* se subordinam ou por vantagem própria ou por sucumbir à *force majeure*, e de tempos em tempos aceitam o tipo de dependência formal exemplificada por aquela entre as comunidades do coração da Tessália e os *períoikoi* que as rodeavam (um assunto discutido mais profundamente no capítulo 4).

Este último ponto traz o problema do que é, por falta de um termo melhor, denominado tribo.⁷³ Isto é, às vezes, tratado como sendo efetivamente *coterminus* com *éthnos* (o chamado estado tribal), não apenas por causa dos termos aparentados por meio dos quais as ligações étnicas tendem a se expressar. No entanto, como notado, os *éthne* maiores podem, eles mesmos, conter outros grupos étnicos assim como *póleis*. A Arcádia, por exemplo, conteve em diferentes períodos, grupos que explicitamente se identificavam pelo uso de um nome étnico (ou *ethnikón*) como eutresianos, kinourianos, mainalianos,

⁷⁰ Sakellariou 1989: 46-7 para uma revisão.

⁷¹ Aqui, por exemplo, eu discordo dos modelos mais uniformes apresentados por e.g. Donlan 1989.

⁷² Gellner 1987, cap. 2; Gellner 1983: 1-2; Anderson 1991; Kellas 1991: 4-5, 72-85, 98-105; Oommen 1994. Em contraste, Smith 1986, cap. 7, traçando desenvolvimentos a longo prazo de grupos étnicos até nações, aceita que a progressão não é inevitável e que o contexto histórico de cada caso deve ser considerado. Hobsbawn 1992.

⁷³ Na última de uma série de importantes discussões sobre as tribos da Arcádia, James Roy (1996: 107 nota 1) enfatiza que a tradução está longe do ideal e dissocia sua discussão de quaisquer implicações mais amplas do termo tribo.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		19 de 45									

parrasianos e azanianos [Estrabão 8.8.1].⁷⁴ Em alguns exemplos, a terminologia usada nas fontes gregas é completamente diferente (os *phylai* atenienses são um exemplo óbvio, apesar de que devemos ter em mente as datas e circunstâncias de sua criação), mas a maioria (incluindo as tribos arcadianas) também são chamados *éthne*. A tradução moderna ‘tribo’ pode ajudar a distinguir entre estes *éthne* usualmente menores, daqueles que atingiram proeminência política pan-regional, mas ela tem a grande desvantagem de esconder a similaridade conceitual por trás da sua criação e manutenção⁷⁵, assim como de perpetuar as associações modernas problemáticas entre o *éthnos* grego e o tribalismo, construídas pelo pensamento antropológico dos séculos XIX e XX. Talvez seja surpreendentemente difícil descobrir que, a não ser por Atenas, onde as tribos foram explicitamente consideradas (na Arcádia, por exemplo), a discussão focou-se menos em amplos assuntos teóricos do que em circunstâncias locais e em questões que amplamente refletem aquelas levantadas sobre o grande *éthnos* pan-regional. O que veio primeiro, cidade ou tribo, por exemplo, como as duas se relacionam social e politicamente, e existe uma organização de assentamento consistente e/ou característica associada às tribos?⁷⁶

Tribo é uma palavra problemática, no entanto e, embora eu a tenha usado ocasionalmente em associação com *éthnos* para refletir prática comum, eu prefiro evitá-la sempre que possível. Porém, já que seu uso hoje em dia possui implicações para além do antigo significado de *éthnos* e a natureza dos, assim chamados, estados tribais tem recebido pouca atenção crítica, vale a pena fazer uma breve pausa para explorar tanto a historiografia da conexão no meio acadêmico moderno, quanto o distinto, porém relacionado, assunto de como a extensão dos sistemas políticos tribais, como nós os entendemos no registro moderno, pode ser compatível com as instituições sociais constituídas de outros modos. A ideia de oposição entre organizações de comunidades constituídas por meio de parentesco (a essência do tribalismo) e estados em que papéis e status são determinados por outros critérios vem da metade do século XIX, por exemplo, da discussão de Henry Sumner Maine sobre tribalismo como um

74 Ver mais recentemente Heine Nielsen 1996a: 132-41, com bibliografia.

75 Como Heine Nielsen 2002: 266-9, 272-8 também conclui no caso das tribos arcadianas. É por essa razão que eu evitei a distinção de Anthony Smith (1986, 84) entre identidade étnica, sub-étnica e lealdades mais localizadas, apesar de, à primeira vista, poder parecer corresponder bastante ao tipo de identidades aninhadas e paralelas comuns nos primórdios do mundo grego. Weber 1978: 393-5 distingue tribo e grupo étnico baseando-se em tribo ser uma criação da *polity*, uma distinção que pré-julga as questões aqui investigadas.

76 Para tais questões na Arcádia, comparar Heine Nielsen 1996a: 132-41 com Roy 1972b, Roy 1996 e Jost 1986.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		20 de 45									

estado primitivo na evolução comparativa da sociedade política.⁷⁷ Problemas teóricos acerca de modelos de evolução social serão considerados no presente; aqui, eu foco no que usualmente se entende por 'sociedade tribal' e como ela se relaciona com o nosso entendimento do *étnos*.⁷⁸ Enquanto alguns estudiosos avançaram para além do tratamento étnico em fontes antigas como descrições de grupos tribais pura e simplesmente, existe uma diferença significativa entre abordagens amplamente arqueológicas/históricas e históricas/filológicas. Arqueólogos tendem a usar o termo tribo sem uma sofisticação política particular, para caracterizar regiões onde o registro material não possui traços que poderiam sugerir outra interpretação. Assim, por exemplo, Anthony Snodgrass sugere que a extensão geográfica dos estilos e a distribuição de artefatos reflete a existência de extensas unidades políticas em áreas em que o único outro traço de um tipo de sistema tribal é o uso dos étnicos (por exemplo para nomear os grupos listados no *Catálogo de Navios na Ilíada 2*), nos quais nós temos poucas informações diretas sobre sistemas políticos locais.⁷⁹ Em contraposição, as discussões literárias/filológicas focalizaram mais de perto na terminologia de parentesco e, então, se relacionam mais diretamente com as abordagens antropológicas sobre tribalismo: a reconstrução de Walter Donlan das organizações de parentesco iniciais baseadas no significado de *phylon* e *phetre* em Homero é um desses casos.⁸⁰ A distinção corresponde essencialmente àquela traçada por Patrícia Crone, entre o uso do termo tribo para uma unidade cultural e para uma entidade política (efetivamente um uso classificatório *versus* um uso etológico). Claramente, em termos do registro material, a identificação dos dois fenômenos requer critérios diferentes; o último demanda reconhecimento da politização de traços materiais, uma estratégia de seleção flexível, ao passo que o primeiro requer meramente uma similaridade observável (um ponto ao qual retornaremos no capítulo 4)⁸¹.

Uma abordagem que tem sido pesada (e corretamente) criticada e que, agora, tem alguns poucos defensores, tenta identificar como traços, por definição primitivos, tribais se preservaram entre as estruturas de *pólis posteriores*. No entanto, vale a pena explorar as bases para sua rejeição, já

77 Maine 1861, cap. V; MacFarlane 1991. No contexto intelectual, ver Burrow 1991; Kumar 1991. Maine não estava preocupado com uma teoria do progresso per se, nem foi grandemente influenciado por Darwin; seu evolucionismo comparativo, enfatizando a crescente racionalidade como um sinal de progresso, revela um forte viés intelectual: Burrows 1966: 142-53; Collini et al. 1983, cap. VII, notar especialmente 212-13.

78 Para crítica, ver Crone 1986: 56-68; Sahlins 1968: 1-13; Service 1975.

79 Snodgrass 1980: 25-8; cf. Crone 1986: 52-5.

80 Donlan 1985.

81 Crone 1986, nota 110.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		21 de 45									

que elas têm implicações para o estudo dos *éthne* como tribos. O corpo de cidadãos, em muitas *póleis* clássicas era dividido em *phylai*, um termo amplamente traduzido como tribo, frequentemente com formas de subdivisões (fratría ou genos) que são raramente evidentes fora das *póleis*. Em Atenas, por exemplo, com as reformas radicais de Clístenes, sustentou-se longamente que – já que a ordem tribal primitiva anterior precisava ser acomodada, algumas características podiam então ser traçadas por meio das estruturas posteriores. O sistema tribal clássico ateniense, como uma ressaca de uma forma anterior de stado, era então tomado como modelo geral aplicável tanto para as ‘pré-pólis’ quanto para os estados ‘primitivos’ contemporâneos, i.e., os *éthne*.⁸² Os modelos evolucionistas resultantes são susceptíveis às mesmas críticas que aquelas longamente dirigidas contra a evolução social em antropologia – não menos pelo modo por meio do qual eles colocam em séries hipotéticas, ordens sócio-políticas observadas como entidades independentes, num registro etnográfico que não tem, ele próprio, profundidade temporal real. Não apenas essa seriação não pode ser testada, mas, contrastada à evolução darwiniana que (apesar de aplicada no contexto arqueológico) se foca nos mecanismos de mudança, é impossível entender esses mecanismos propriamente ditos a partir da observação de dados.⁸³ De fato, uma abordagem social evolucionista de qualquer tipo pode levar a leituras tendenciosas da evidência. Este foi o caso em Atenas, onde tanto Roussel quanto Bourriot demonstraram que o sistema clistênico, longe de fazer eco a uma ordem primitiva, era uma nova, embora às vezes arcaizante, criação.⁸⁴ De forma pertinente, Roussel foi acompanhado por Finley (e mais recentemente por Hans-Joachim Gehrke) ao enfatizar que genos, fratría e *phylé* não podem ser tratados como termos afins no sentido estritamente antropológico e deve-se, portanto, estar atento à reconstrução da organização tribal baseada no significado assim inferido. Em relação à presente discussão, talvez o aspecto mais valioso dessa crítica seja a rejeição implícita das ligações evolutivas entre a pólis e o *éthnos* tribal primitivo, que se encaixa

82 Exemplificado por Ehrenberg 1969, 9-14; sobre Atenas, Hignett 1952, caps. 4-6. Para uma revisão dos problemas das subdivisões entre as *póleis*, ver Davies 1996b.

83 Para uma revisão das abordagens, ver Sanderson 1990, caps. 2, 7 e 8; Crone 1986: 56-68; Hall 1997: 14-16. Dunnel 1980; Shanks e Tilley 1987, cap. 6; *contra* Lewis 1968.

84 Roussel 1976; Bourriot 1976; cf. Donlan 1985; Davies 1996b. A observação de que as *phylai* eram uma criação da pólis (frequentemente atribuída aos fundadores, reformadores ou legisladores) ausente nos *éthne* vem desde Max Weber (1924, 95-7). Effenterre 1985a: 229-300, e Nagy 1987, ambos reafirmam a anterioridade das *phylai* em relação às *póleis*, *contra* Roussel e Bourriot, apesar de nenhum deles buscar restaurar esses aspectos sócio-revolucionários de concepções anteriores, que são de particular interesse para a presente discussão. Gehrke 2000 oferece uma completa e estimulante revisão da historiografia das abordagens do problema.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		22 de 45									

bem com a revalorização das percepções arcaicas e clássicas do termo pólis anteriormente notada.⁸⁵

Claramente, a contribuição dos estudos antropológicos sobre tribalismo merece um exame mais atento, mas aqui também, seguindo a crítica de Roussel e Finley, nós deveríamos considerar a circularidade potencial erguendo-se a partir da contribuição bem documentada e, de muitas maneiras formativa, dos estudiosos clássicos do século XIX para a análise de parentesco em antropologia social.⁸⁶ Portanto, por exemplo, o trabalho de George Grote's sobre a estrutura de parentesco da sociedade grega histórica⁸⁷ teve uma grande influência no desenvolvimento do conceito de frátria de Henry Sumner Maine em seu *Lei Antiga* (1861). O tratamento que Maine dá à frátria dentro dos sistemas tribais antigos e modernos foi além, conforme ele reivindicou ter identificado em organizações tribais na Grécia e Roma antigas, idênticas àquelas encontradas no registro moderno. Linhas de pensamento similares são evidentes no trabalho de seu adversário acadêmico, Lewis Henry Morgan (em *Sistemas de Consanguinidade e Afinidade da Família Humana {1871}* e *Sociedade Antiga {1877}*). Não só Morgan faz uma comparação estrutural direta entre as tribos antigas e o que ele chamou de "democracia guerreira" dos Iroquois modernos, nas quais os laços de parentesco estruturaram uma multiplicidade de funções (incluindo guerra, culto e subsistência), mas ele coloca esta organização tribal em uma sequência evolutiva, fazendo, então, parte de uma longa história de interação entre evolucionismo e o uso, na história antiga, de termos gregos de parentesco com seu significado antropológico adquirido.⁸⁸

É, portanto, necessário, considerar novamente o que significa sociedade 'tribal' e como isso pode ser avaliado contra os crescentes corpos de dados

85 Roussel 1976, 3-4; Finley 1985a, 90-3; Gehrke 2000; ver também Vlachos 1974, 256 nota 41, 289. Humphreys 1978c: 195-6 expressa incerteza sobre as relações entre tribos como subdivisões de uma cidade-estado e os povos, *éthne* que formam as federações fracamente organizadas (supostamente) não urbanas no norte da Grécia (considerando que nós não sabemos como as mais recentes foram estruturadas).

86 Fox 1967: 16-24; Humphreys 1978a: 17-18.

87 Grote 1854, esp. cap. ix.

88 Sanderson 1990, cap. 2; Roussel 1976: 9-22; Kuper 1982 e 1991 (NB 107); ver nota 77 acima. O outro maior crítico tanto de Morgan quanto de Maine, J. F. MacLennan (em seu *Primitive Marriage* de 1865) defende a descendência matrilinear ao invés da patrilinear como uma característica dos sistemas tribais iniciais; Maine subsequentemente reafirma seu ponto de vista em seu *Dissertations on Early Law and Custom*. Uma afirmação anterior sobre o lugar da organização tribal inicial na evolução social tem recebido menos atenção: no manuscrito de 1857-8 de seu *Grundrisse*, Karl Marx distinguiu tribos constituídas por parentesco daquelas baseadas em localidade e argumentou que as últimas geralmente eram posteriores e deslocavam as anteriores (Marx 1857-8: 76).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		23 de 45									

datados do início do *éthnos*. O tribalismo é discutível e problemático⁸⁹e, em essência, ele envolve o uso de parentesco, real ou atribuído, idade e gênero, como estrutura da comunidade política.⁹⁰ Até certo ponto, é uma questão de grau, já que o parentesco é usado politicamente em outras formas de sociedade também, mas como a maioria dos papéis é definido por outros critérios, o sistema não pode ser verdadeiramente tribal. Então, ao menos uma diferença em potencial entre sistemas verdadeiramente tribais e as ‘tribos’ de estados como Atenas, ou a partir do tempo em que Sólon estabeleceu critérios econômicos para os cargos políticos.⁹¹ Da mesma forma, a retórica do parentesco como um meio de reivindicar ou reforçar ligações étnicas não é contemporânea à ordenação prática da sociedade, apesar das referências a laços de sangue serem bastante presentes na literatura grega como, por exemplo, na reivindicação de Heródoto [8.144] de que as relações de parentesco de todos os gregos era parte da identidade helênica tanto quanto a língua comum ou a religião.⁹² Em termos práticos, os princípios do parentesco são capazes de adaptar-se à uma ampla variedade de papéis e as discrepâncias com as necessidades sociais podem ser disfarçadas pela invenção, seleção e supressão. Ao definir um sistema como tribal, a natureza de papéis e de fatores como o territorialismo tornam-se, então, menos importantes que os princípios organizadores envolvidos em preenchê-los e sustentá-los. Como Patrícia Crone apontou⁹³, parentesco, gênero e idade, em geral, diferenciam papéis mais agudamente nas sociedades em que as pessoas são, em outros aspectos, muito similares (por exemplo, em relação ao acesso aos meios de subsistência ou influência política). Mas, em teoria, existe escopo para uma considerável diferenciação política e sócio-econômica, e uma questão importante é, então, o grau de complexidade e dissidência organizacional tolerado (que permite, por exemplo, a centralização do poder nas mãos dos líderes) antes que outros critérios comecem a aumentar e substituir os princípios de parentesco. Evidências etnográficas parecem sugerir que um alto grau de especialização e interdependência dentro da comunidade é mais característico de outras formas de estado, e de fato, pode ser mais difícil imaginar relações de parentesco resolvendo satisfatoriamente alguns tipos de problemas complexos. Resolução de conflitos é um desses casos, como mostra a extensão dos efeitos potencialmente destrutivos que as soluções de auto-ajuda podem atingir

89 Helm 1968 contém uma gama de estudos relevantes; Leach 1989.

90 Sahlins 1968; Crone 1968 para resumo e bibliografia.

91 Esta é a base do contraste entre controle de tempo e controle de espaço na ordenação dos estados gregos criada por Morgan 1991: 148-9.

92 Hall 1997: 10.

93 Crone 1986: 48-50.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		24 de 45									

dominando atividades comunitárias como rituais (um ponto explorado mais profundamente no capítulo 3).⁹⁴ O quão complexas as sociedades tribais podem se tornar e conseqüentemente os limites aplicáveis à análise de tais dados, ainda não foi completamente investigado.

Acima de tudo, fica claro que tal discussão teórica sobre tribalismo, como aconteceu na antropologia acadêmica, não adentrou verdadeiramente os estudos gregos e, questionamentos críticos sobre fontes gregas iniciais não acompanharam o ritmo do trabalho em outros campos.⁹⁵ Talvez, surpreendentemente, o mesmo acontece com grande parte da Pré-História, da Idade do Bronze tardia e da Idade do Ferro inicial da Europa ocidental. Evidências de Hallstatt, contemporâneas aos casos gregos considerados aqui, têm sido amplamente avaliadas em termos de desenvolvimento de chefias centradas em fortes, unidades sociopolíticas cuja emergência é, por vezes, tratada como análoga à das *pólis* gregas.⁹⁶ Questões relativas à etnicidade e discussões detalhadas sobre o desenvolvimento da identidade de tribos ou grupos não têm sido priorizadas nas discussões sobre esse período inicial.⁹⁷ Conseqüentemente, durante La Tène, enquanto a prioridade ainda é, algumas vezes, dada às fontes históricas e epigráficas romanas (especialmente César e Tácito) para identificação e caracterização iniciais dos sistemas 'tribais', a etnicidade como estratégia ativa está em discussão agora, principalmente no contexto do processo de 'romanização'.⁹⁸ As perspectivas consideradas nos estudos individuais variam consideravelmente⁹⁹, mas nos falta uma avaliação teórica mais geral do significado do tribalismo e de sua expressão material.¹⁰⁰ O ponto-chave é que os *éthne* não são auto-explicativos: eles podem ser estruturados politicamente como tribos ou não, mas os termos não são idênticos e não devem ser considerados como tal.

94 Sahlins 1968: 5-13, 96-113.

95 Roussel 1976: 18-19; Shils 1991.

96 S. Morris 1992, cap. 5, citando especialmente Wells 1980; Wells 1984 (para crítica, ver Arafat e Morgan 1994; Champion 1987).

97 Champion e Champion 1986; sobre a limitação dos dados, ver Harke 1982. Sobre parentesco e estruturas tribais: Kristansen 1998; Rowlands 1998.

98 Por exemplo, Jones 1997: 29-35; Woolf 1998, cap. 1 apresenta o problema em termos de subscrição deliberada a um conjunto de referências culturais.

99 Contrapor, por exemplo, a apreciação processual e funcionalista do norte da Gália de Nico Roymans (Roymans 1990) com o exame pós-processualista amplo e duradouro sobre a Escandinávia em relação ao norte da Europa feito por Lotte Hedeager (1982). Para uma visão crítica, ver Rowlett 1989.

100 Nem a antropologia provê muitos exemplos de teoria geral trabalhados em estudos de casos comparados: ver, por exemplo, Cohen e Schlegel 1968.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		25 de 45									

Arqueologia e os *éthne* gregos iniciais

A combinação de tendências na pesquisa arqueológica e histórica desenvolvida até hoje oferece um rico escopo para a análise da organização política das sociedades gregas iniciais, como complexos de identidades interligados. Como este livro foi escrito em uma perspectiva primordialmente arqueológica, é importante considerar o lugar da evidência material, juntamente com outras fontes dentro desta ampla moldura analítica. Frequentemente, foi sugerido que a identidade étnica é construída, em última instância, por meio do discurso escrito e falado, e que outras formas culturais comuns (estilos de artefatos, aspectos de atividades, tais como rituais funerários e de culto, muitos dos quais são considerados como aptos a deixar vestígios materiais) serviram para sustentar essa identidade.¹⁰¹ Em grande parte do nosso período, há claras dificuldades na reconstrução do discurso escrito e falado que não seja por retrospectiva. Tais inscrições, como as que temos, refletem um lugar particular da escrita em um contexto predominantemente oral e são, portanto, tanto raras como específicas – e enquanto nós podemos reconhecer o lugar do discurso oral, nós dificilmente conseguimos recuperar a massa de informações assim transmitida. Com exceção de Homero, as fontes literárias que se referem às nossas regiões foram todas escritas em retrospectiva e, quaisquer fontes locais que as possam ter precedido foram perdidas.¹⁰² Isto não busca desmerecer o valor das fontes posteriores, apenas sublinhar, realçar as questões historiográficas que as circundam.¹⁰³

Evidentemente, então, surgem problemas tanto em relação à perda das fontes escritas quanto ao fato de que tão pouco foi transmitido pela escrita durante nosso período. Assim, o foco na evidência material resultante não é mero pragmatismo. Na verdade, seria errado presumir que os textos escritos ou qualquer outra fonte individual levarão a um círculo vicioso, ou que diferentes tipos de evidências vão necessariamente apoiar umas às outras. Linguagem e comportamento material compreendem múltiplos canais de comunicação que podem ser distribuídos entre os vários discursos e alguns dos *insights* mais interessantes vêm da dissonância, assim como da consonância, entre eles.¹⁰⁴ Por um lado, o uso da linguagem é um processo criativo que, frequentemente, resulta

101 Cf. Ardener 1989; Andersom 1991: 67-82, 144-7. Para mais revisões críticas, ver Hall 1995b; Hall 1997: 2.

102 Lassere 1976 oferece uma breve revisão das possíveis fontes escritas anteriores.

103 Ver, por exemplo, Thomas 2000, introdução, que previne contra a pressuposição de que Heródoto consistentemente arcaíza.

104 Fletcher 1996c; Morgan 1999b: 383; Morgan 2001c. Para revisões: Hodder 1987 e 1991.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		26 de 45									

em múltiplas (sucessivas e contemporâneas) 'tradições' grupais. A distribuição de *ethnika*, por exemplo em moedas (junto com mecanismos visuais), era um meio importante, por meio do qual indivíduos e comunidades expressavam sua existência, percebida como um grupo com uma história comum. Mais do que reminiscências de memórias históricas genuínas das migrações do final da Idade do Bronze, versões múltiplas e, por vezes, conflitantes de mitos particulares, refletem então a manipulação da identidade grupal ao longo do tempo e de acordo com pontos de vista.¹⁰⁵ Enquanto pode ser esperado que essas histórias-mito mantenham algumas relações grupais identificáveis no registro material, é improvável que essas sejam diretas e, existe o risco de se procurar correlatos materiais convenientes, de acordo com o que se conhece sobre o registro arqueológico de uma região particular num certo período. Inversamente, pensar sobre uma identidade individual é um processo tanto visual quanto verbal. Monumentos como cemitérios, templos ou outros edifícios públicos eram ferramentas para o pensamento, fisicamente duráveis, cujo significado poderia mudar ou ser deliberadamente alterado com o passar do tempo (como fica claro no caso de Kalapodi, discutido no capítulo 3). Como a tradição comum percebida é um elemento importante no estabelecimento e manutenção da identidade grupal, o significado e a posse de tais monumentos é provavelmente importante e abertos à disputa (como as guerras sagradas por Delfos bem ilustram).¹⁰⁶ É, no entanto, necessário determinar quais elementos da cultura material de uma sociedade devem ser selecionados para transmitir significado em qualquer contexto ou período determinados e a partir de qual ponto de vista.¹⁰⁷

O registro arqueológico do início da Idade do Ferro e do Arcaico oferece um terreno fértil para a exploração do discurso material, especialmente em vista do controle espacialmente e cronologicamente próximo, frequentemente disponível.¹⁰⁸ A partir do período Proto-Geométrico em diante, os estilos da maioria dos tipos de artefatos e os padrões de comportamento envolvidos em, por exemplo, práticas mortuárias e de culto, são altamente localizados. A ênfase tem sido longamente colocada na identificação de traços regionais, especialmente nos estilos cerâmicos e práticas de enterramento da Idade do Ferro inicial, enquanto variações intra-regionais no estilo dos artefatos (incluindo

¹⁰⁵ Hall 1997: 3, 59-63; ver também a objeção de Patterson (1975, 312) à observação de Isaac (1975) de que a quintessência da etnicidade é a primordialidade.

¹⁰⁶ Bradley 1990, cap. 2; Bradley 1991 (cf. Morgan 1999a: 369-72, especialmente nota 12); Alcock 1993, cap. 5; Antonaccio 1994: 86-104; Spencer 1995.

¹⁰⁷ Para revisão e bibliografia, ver Mellas 1989.

¹⁰⁸ Exploração de tais questões usando dados gregos são poucas, mas ampliando: alguns exemplos são Morgan e Whitelaw 1991; Morgan 1991; Hall 1995a; Spencer 1995.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		27 de 45									

o impacto, influências externas e importações) existem em muitas regiões.¹⁰⁹ Além disso, especialmente durante os séculos VIII e VII a.C., diferenças no padrão e extensão da circulação de trabalhos em metal e de estilos cerâmicos refinados parecem muito maiores do que se poderia esperar, com base apenas na distribuição de recursos. De modo geral, as escolhas de estilos envolvidas, notavelmente aquelas relacionadas a artefatos de uso diário (cerâmica, por exemplo), ou a seleção e manipulação de artigos de prestígio (especialmente os que usam recursos escassos), provavelmente refletem estratégias de comunicação de algum tipo, que incluem as percepções individuais conscientes ou inconscientes acerca das lealdades grupais. No entanto, problemas ao reconstruir a força, complexidade e registro das mensagens sociais transmitidas a quem, sob quais circunstâncias e com que grau de intenção consciente, são muito debatidos.¹¹⁰ Combinadas às afirmações feitas por meio de culto, práticas mortuárias¹¹¹ e à construção da história-mito comum, elas fazem parte de uma teia interconectada de afirmações de identidade, que operam em diferentes níveis e mudando com o passar do tempo (um fato que pode, por sua vez, ajudar a explicar as descontinuidades aparentemente agudas entre categorias individuais de evidência material como será mais aprofundadamente discutido no capítulo 4 nos casos de Acaia e Arcádia). Não se pode enfatizar demais que a existência de artefatos *per se* não serve como base para a inferência de seu papel como indicativo político ou social. Não apenas a gama de possibilidades na maioria dos conjuntos arqueológicos é muito limitada para proporcionar um grande escopo, como a natureza fundamentalmente discursiva da criação e expressão da identidade grupal e pessoal deve levar à consideração inicial e principal da seleção, manipulação e justaposição de diferentes formas de estilos de artefatos em diferentes contextos ao longo do tempo (como será mais profundamente discutido nos casos da *mesogeia* acaia, norte da Azânia e Tessália no capítulo 4).¹¹²

Nos capítulos seguintes, eu deverei explorar algumas das dificuldades

109 Coldstream 1983; Morgan 1999c. Argólida: Morgan e Whitelaw 1991. Corinto: Morgan 1999a, cap. II.3; Morgan 1999d. Arcádia: Morgan 1999b. Ática; e.g. Whitley 1991a; Rombos 1988; Morris 1984 (apesar de um estudo sobre proto-ática que inclua a grande quantidade de material não publicado seja bastante necessário: para discussão e bibliografia, ver Morgan 1999c, 215 nota 11). Trabalho em metal: Rolley 1992a.

110 Shanks e Tiley 1987, cap. 4; Shennan 1989: 17-22; estudos em Conket e Hastorf 1990; Carr e Neitzel 1995.

111 Literatura sobre a interpretação de evidências mortuárias em particular são vastas. Para revisões, ver, por exemplo, Huntington e Metcalf 1979, introdução, pts. I e II; Chapman e Randsborg 1981: 1-24; Whitley 1991a: 23-24; I. Morris 1992.

112 Shennan 1989: 14-30; Morgan 1999b: 383; Morgan 2001c; Hall 1997: 111-31.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		28 de 45									

conceituais envolvidas na leitura e interpretação da gama diversificada de estruturas políticas do mundo grego anterior às guerras contra a Pérsia, fazendo particular referência ao registro material de algumas das regiões frequentemente menos consideradas (figura 1). Enquanto as evidências citadas foram extraídas de muitas partes da Grécia, minha ênfase no centro e norte do Peloponeso (Arcádia e Acaia) e na Grécia central (Fócida, Lócris e Tessália) reflete idiosincrasias de interesse pessoal e da pesquisa arqueológica. A maioria dessas áreas tem sido objeto de estudos sintéticos recentes, desenhando juntas, partes fundamentais da informação necessária de forma acessível além delas também representarem a variedade de circunstâncias físicas e sociais que oferecem um escopo para comparações frutíferas. Vamos, então, concluir esta introdução com um breve esboço da geografia, estado atual da pesquisa e áreas de interesse especialmente relevantes para cada região.

Tessália

No decorrer de nosso período, a Tessália foi claramente definida tanto social quanto geograficamente como uma entidade (figura 2). Seu extenso território, cercado por montanhas (Olimpo ao norte, Pindus a oeste e Otris, ao sul) e o mar a leste, é dividido em duas grandes planícies, ambas conhecidas na antiguidade por sustentar o cultivo de grãos e a criação de cavalos (figura 3). A planície oeste era maior, mas mais propensa a sofrer inundações (ficando frequentemente pantanosa no inverno e ressecada e endurecida no verão), ao passo que a planície leste era mais seca e fresca. Ao sul, o Monte Otris dividia essas planícies e a área do golfo Pagasítico desde o vale de Sperchios, que se estendia para o interior, a partir de Lamia. Importantes rotas de comunicação cruzavam ambas as planícies (com a Macedônia, por exemplo, ao longo do vale Europos). (Figura 4) Os portos da região se alinham ao longo da costa leste e eram separados da planície oriental principalmente por montanhas (Otris, Pelion e Ossa) e, portanto, facilmente acessíveis apenas para parte da população. A estreita rota para o interior a partir de Volos via Ferai era a principal ligação entre as cidades da planície oriental e o mar, mas de modo geral existe uma clara distinção entre as comunidades do leste, mais voltadas para fora, dentro da área de alcance do mar (incluindo porém Farsalos) e, notavelmente, aquelas ao redor da ponta do golfo Pagasítico, assim como a vida social, econômica e política das comunidades mais a oeste, orientadas para o interior.¹¹³

113 Philippon 1897, caps. I-IV; Philippon 1950; Sivignon 1975; Feuer 1983: 32-8; Garnsey

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		29 de 45									

Os dados arqueológicos do nosso período derivam de mais de um século de atividade intensa, principalmente por parte do Serviço Arqueológico Grego, combinados às extensivas explorações de viajantes individuais (notavelmente Stählin)¹¹⁴ no início do século XX. Enquanto o trabalho de resgate tem predominado (crescendo aceleradamente nos últimos 30 anos) e fornecido conjuntos de dados substanciais de sítios como Ferai¹¹⁵, escavações sistemáticas foram realizadas em alguns assentamentos chave incluindo, por exemplo, Volos-Palia e Gonoi.¹¹⁶ Além disso, o trabalho do projeto Tessália CNRS, estabelecido em 1979 e centrado na *Maison de l'Orient* em Lion, tem contribuído imensamente com nosso conhecimento da epigrafia e topografia de muitas partes da região (apesar da pesquisa ter tendido a focar-se em períodos posteriores àqueles considerados aqui). As prospecção intensiva e escavações conduzidas pela 13^a *Ephoreia* e pelo Instituto Arqueológico Holandês em Acaia Ftiotis produziram um importante material inicial.¹¹⁷ Uma indicação da extensão da transformação de nosso conhecimento sobre a Tessália do início da Idade do Ferro e do Arcaico, desde a metade dos anos 1970 até agora, pode ser conseguida por meio da comparação de publicações de três conferências primariamente dedicadas à arqueologia da Tessália, que aconteceram em Lion em 1975, em memória de Dimitrius Theocharis em 1987 e, por fim, novamente em Lion em 1990.¹¹⁸ Mais recentemente, sínteses dos dados sobre enterramentos do início da Idade do Ferro revelaram não apenas a extensão do conhecimento acumulado, mas o grau de variação intra-regional presente nas formas das tumbas e nas oferendas.¹¹⁹ Os dados de prospecção também estão começando a contribuir para a nossa compreensão da evolução dos territórios das cidades e para ampliar os estudos histórico-geográficos do assentamento da Tessália,¹²⁰ apesar de, até agora, terem se mantido restritos a projetos relativamente localizados, por exemplo, no vale Enipeus¹²¹ e na região do Ferai¹²², e terem empregado estratégias et al. 1984: 30-5; Van Andel e Runnels 1995. Sobre mudanças na paisagem, Stiros e Papagiorgiou 1992 e 1994. Os recursos minerais da região parecem limitados se mal estudados: sobre cobre na Pelasgia ver Papastamaki et al. 1994 (apesar de que, como eles notam, é difícil achar evidências que datem a exploração desses recursos antes do século III a.C.)

114 Stählin 1924. Para uma revisão acadêmica anterior, ver Gallis 1979.

115 Ferai: Dougliri Intzesiloglou 1994.

116 Iolkos: estudos em Kouliou 1994 oferecem resumos valiosos de décadas de pesquisas. Gonnoi: Helly 1973.

117 Para uma revisão sobre a região, ver Malakasioti 1997b.

118 Helly 1979; Praktika Theochari; ΘΕΣΣΑΛΙΑ

119 Tziaphalias e Zaouri 1999.

120 Por exemplo, Blum et al. 1992. Para revisões de metodologia e estudos em andamento, ver Helly 1994; Decourt e Darnezin 1999.

121 Decourt 1990.

122 Salvatore 1994.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		30 de 45									

predominantemente extensivas ao invés de intensivas.

Enquanto os contornos básicos da história política da Tessália parecem claros, há muito debate acerca de detalhes e da cronologia, ainda mais considerando que a narrativa de Aristóteles sobre a constituição da Tessália clássica foi quase inteiramente perdida e, as fontes remanescentes são geralmente fragmentadas.¹²³ A divisão da Tessália em tétrades ou *moirai* era, ao menos no século V a.C., considerada como um dos aspectos mais antigos da organização da Tessália (Helanikos de Mitilene, *FrGHist* 4.51). Junto com outras reformas, como a criação de leis é, então, creditado ao quase-legendário basileu Aleuas, o vermelho de Larissa¹²⁴, cujo reinado é convencionalmente datado por volta da segunda metade do século VI a.C.¹²⁵ Cada tétrade contém cidades (ocasionalmente descritas como *póleis*) dominadas por famílias líderes. Pelasgiotis, no leste, teve como cidades dominantes Larissa (lugar dos aleuadas),¹²⁶ Krannon (morada dos eskopadas) e Ferai; Ftiotis, no sudeste, continha, por exemplo, Farsalos, Hestiaiotis no oeste, Trikka e Aiginion; e tessalotas no sudoeste, Arne-Kierion entre outros.¹²⁷ Historicamente, o *éthnos* da Tessália era uma forma de confederação de pólis. Por volta do século V a.C., Arquibaldo foi interpelado acerca da base de sua coesão ser primariamente social, sustentada pelo que era efetivamente uma casta de líderes com bases em diferentes cidades.¹²⁸ A extensão do quanto isso era verdade também para períodos anteriores, o papel das comunidades de lugar e o processo por meio do qual grandes sítios emergiram de centros físicos de poder são, portanto, questões chave que serão investigadas no capítulo 2.¹²⁹ Faltam evidências de instituições dominantes neste estágio, já que, como Helly argumentou, apesar dos títulos *tagós* e basileu serem usados quase que indistintamente para líderes locais ou magistrados, a ideia de uma Tegéia federal anterior não encontra suporte nas fontes remanescentes.¹³⁰ A Tessália, como um todo, é descrita como uma pólis em muito poucas (e geralmente posteriores) ocasiões, mas sempre em contextos que se adequam ao sentido estabelecido de pólis, como sendo a menor entidade

123 Uma análise básica (se bem que às vezes contraditória) sobre a história constitucional da Tessália foi feita por Sordi 1985 e 1992; Helly 1995.

124 Axenidos 1947: 43-8.

125 Helly 1995, introdução.

126 Axenidos 1947.

127 Helly 1995, cap. 2.

128 Arquibaldo 2000: 212-13.

129 Para um breve resumo, ver Dakoronia e Tziafalias 1991.

130 Helly 1995, *passim*, *contra* a aceitação generalizada de uma *tegéia* federal anterior desde o século XIX, sobre a qual ver, por exemplo: Hiller Von Gärtringer 1890; Momigliano 1932; Sordi 1958; Daverio Rocchi 1993: 405; Carlier 1984: 412-17.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		31 de 45									

política relevante à discussão em questão, sem necessariamente ter implicações em um estado unitário.¹³¹

Particularmente durante o sexto século, o engajamento da aristocracia da Tessália, com seus pares em outras regiões, pode ser traçado de várias maneiras. Mecenate das artes, por exemplo, pelo qual a elite da Tessália se associou e ajudou a dar forma, uma inicialmente frágil nova moldura de cultura pan-helênica compartilhada, ou os laços de *xenía* que, provavelmente, fundamentaram eventos como a oferta para o exilado Hippias da cidade magnésia de Iolkos, como contada por Heródoto [5.94]. No último caso, a existência de uma ligação é pressuposta pela escolha de Pisístrato do nome Tessalos para um de seus filhos [Tucídides 1.20.2; 6.55.1] apesar de que aqui, como em outros lugares, Heródoto meramente nomeia os que seriam os doadores de Iolkos como ‘os tessalíotas’, sem qualquer qualificação.¹³² Mais impressionante é a extensão do engajamento dos tessalíotas no serviço militar no exterior, assim como a reputação das forças da Tessália. A ajuda militar aos *xenoi* é novamente proeminente, como exemplificado pela referência de Heródoto [5.63-64] sobre a força de mil homens da cavalaria enviados sob o comando do basileu Kineas (provavelmente de Gonnoi) para ajudar os Pisistrátidas contra seus atacantes espartanos. A Tessália não era, obviamente, a única fonte de guerreiros (mercenários, emprestados ou ‘voluntários’) na Grécia arcaica; mesmo as atividades da Tessália não sendo comumente bem documentadas, entre as nossas regiões escolhidas, a Arcádia e talvez também a Acaia estiveram quase certamente envolvidas. Consideradas como um fenômeno mais amplo, tais atividades levantam questões complexas relativas a princípios sociais e econômicos sobre os quais as forças foram constituídas e as causas escolhidas, e também o impacto (novamente tanto político quanto econômico) da atividade militar no exterior. Esses assuntos serão considerados mais profundamente no capítulo 4, que questiona especialmente até que ponto a extensão atingida pelo exercício das forças militares durante o período Arcaico pode verdadeiramente ser vista nos velhos termos multifocais

131 Um especialista no *Rhesus* 307 (Rose 494) de Eurípedes se refere à divisão dos aleuadas da pólis em *kléroi*; ver também Polyaeus 8.44. Apesar das tentativas de consertar o texto, o uso de ‘pólis’ deve ser entendido no sentido de uma unidade básica preponderante para a discussão: Hansen 1997a. Um especialista no *Pítia* 4.246 (Drachmann ii: 131) de Píndaro também chama a Tessália de pólis, mas parece ser num sentido poético mais do que político.

132 Arquibaldo 2000: 215, ao defender um grau mais alto de coesão regional do que em outras partes da Grécia, enfatiza que é a voz do coletivo a mais frequentemente ouvida. Apesar de aceitar sua conclusão final, a escolha de referência geográfica/étnica/de lugar feita por qualquer autor depende do grau de precisão requisitado pelo contexto daquela referência, e poderia ser argumentado que nem Heródoto, nem Tucídides precisaram ser mais específicos para o propósito de suas narrativas. É, portanto, interessante notar a existência de dicas de ações localizadas, Morgan 2001a: 31-2, e ver 85-7.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		32 de 45									

de definição e defesa do território do estado.

Considerações acerca de território levantam uma questão final relevante para a Tessália, entre todas as regiões escolhidas, que é o papel e o impacto de grupos que eram, em graus variados, social e/ou economicamente dependentes. As tétrades da Tessália eram cercadas por *períoikoi*, incluindo o Perrhaiboi ao norte, o Dolopes a oeste e os Ftiotai magnésios e acaianos a leste e sul, todos, de uma maneira ou de outra, estavam sujeitos aos seus vizinhos tessalotas mais próximos. Fica implícito que sua dependência era mais econômica do que política (ao menos a partir do momento em que fontes confiáveis começam a surgir no século IV a.C.), por exemplo, por sua representação separada na anfictiônia délfica. Um caso econômico similar de outro grupo sujeitado documentado na Tessália, são os *penéstai*, que será mais profundamente considerado no capítulo 4, no contexto da apreciação de abordagens comparativas de definições demográficas e territoriais.¹³³

Fica claro que a complexa pintura da Tessália, que agora emerge de décadas de pesquisas históricas, arqueológicas e epigráficas invalida as noções anteriores de uma simples progressão de uma organização tribal, federal e depois para uma pólis.¹³⁴ De acordo com esses modelos antigos, o estado federal tem suas origens nos interesses compartilhados de grandes 'baronias' arcaicas e clássicas, um sistema quase feudal de comandantes militares, que reforça a (errônea) impressão de que a guerra era a base natural para a unidade nacional e, com uma extensão significativa, baseada na idéia de uma *tegéia* federal (ver acima). Por sua vez, a federação deu origem a uma construção de unidade da Tessália derivada de uma noção de *éthnos*, uma condição primitiva que atrasou o desenvolvimento das *póleis*. Parece inseguro partir das evidências que mostram que famílias específicas eram proeminentes, ou dominavam os negócios de cidades individuais (a maneira usual de conduzir negócios na Grécia arcaica) para inferir feudalismo. Mas, apesar disso, isto deixa aberta a questão de como as ações de famílias individuais e de seus líderes se encaixavam no contexto geral das relações sócio-políticas dos grandes sítios da Tessália e de seus territórios. Como Arquibaldo corretamente enfatiza, na Tessália, como na Macedônia e na Trácia, as relações entre poder, território e centros urbanos foram, provavelmente, complexas.¹³⁵

133 Lefèvre 1998: 13, 24-6. Sobre os *penestai*, ver Ducat 1994; Corvisier 1981.

134 Ver, por exemplo, Larsen 1968: 12-26.

135 Arquibaldo 2000.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		33 de 45									

Fócida

A Fócida, dividida pelo Monte Parnassos em duas partes distintas, norte e sul, é altamente diversificada quanto à topografia e clima (Figura 5). A falta de unidade cultural resultante é clara em muitos aspectos no registro arqueológico (Figura 6). Durante os primeiros séculos do início da Idade do Ferro, por exemplo, o nordeste da Fócida (a parte superior da planície de Kefisos) era, em muitos aspectos, mais próximo culturalmente de Lócris oriental do que dos sítios ao sul da Fócida, na costa do golfo de Corinto (um padrão mais profundamente discutido no capítulo 3). As montanhas também separam a Fócida de Lócris (sendo a principal passagem por Hiampolis) e pontuam a costa sul definindo, particularmente, a planície *Chrysaean* ao sul de Delfos, a única área significativamente baixa na região¹³⁶ (Figuras 7 e 8). As implicações dessa diversidade, tanto em termos de padrão quanto de ritmo de politização da identidade regional e o modo pelo qual os fócidos se engajaram em redes regionais mais amplas (com Lócris e a Eubéia e no âmbito do golfo coríntio) será mais profundamente considerado nos capítulos 3 e 5.

Talvez, por acaso, na escavação há uma diferença marcante na natureza do registro arqueológico entre o sul e o norte da Fócida no nosso período. No norte, as evidências vêm principalmente de cemitérios, muitos dos quais (como aquele de Elatéia, figura 9) eram extensos e atingiram um pico de prosperidade durante a transição entre o final da Idade do Bronze/Início da Idade do Ferro, um período de declínio em muitas outras áreas.¹³⁷ O santuário de Ártemis em Kalapodi também foi fundado nessa época (em LHIIIC).¹³⁸ Em contraste, a costa sul tem produzido evidências de assentamentos, tanto das grandes áreas de planície, notavelmente Delfos, em que uma vila considerável aparece sobre um assentamento micênico datada, ao menos do século X, mas, provavelmente anterior.¹³⁹ A leste, prospecções na acrópole de Medeão e escavações de salvamento nos cemitérios associados têm revelado atividade quase contínua desde o período Micênico até os tempos romanos, apesar de um marcante declínio, a partir do final do século VIII a.C., pelo menos até o período

136 Philippson 1951, caps. II, III. McInerney 1999, cap. 3; Dasios 1992: 19-23. Para um estudo regional mais antigo mas ainda valiosos, ver Schober 1925. Sobre a topografia e rotas de comunicação na área do vale Pleistos: Skorda 1992 e 1998-9.

137 Jalkotzy e Dakoronia 1990; Dakoronia 1993b; Jalkotzy 1999a; Paris 1892.

138 Felsch 1999.

139 Ver mais recentemente, *BCH* 116 (1992) 694-8; *BCH* 117 (1993) 619-31. Assentamento micênico: Müller 1992. Assentamentos listados no *Catálogo de barcos* [Ilíada 2.517-23] estão largamente na parte sul da Focéia.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		34 de 45									

Helenístico.¹⁴⁰ Não foi feita a prospecção sistemática na Fócida, mas Photios Dasios, em seu dicionário de dados dos registros do Serviço Arqueológico e de trabalho de campo pessoal de 1992, oferece uma visão geral particularmente valiosa para nosso período.¹⁴¹ É possível traçar atividade do final do século VIII a.C. em quase todos os assentamentos destruídos pelos persas em 480 a.C. Esta rede, que começa a ligar fisicamente as partes norte e sul da região, foi consolidada ao longo dos séculos VII e VI a.C., quando uma série de templos locais também foi estabelecida, um processo que será mais profundamente estudado no capítulo 3. Eu enfatizaria, entretanto, que o registro arqueológico contradiz diretamente a idéia de coesão inicial, quanto mais de unidade tribal e, portanto, de uma progressão não problemática para uma federação etnicamente homogênea.¹⁴² A maioria dos centros fócidos foi destruída pelos persas em 480 e o padrão de assentamento estabelecido a partir daí é marcadamente diferente.¹⁴³

Não há evidências de nenhuma organização política pan-fócida anterior ao século VI a.C. Por isso, a cunhagem federal de moedas (provavelmente em cerca de 510 a.C.) foi seguida, possivelmente na geração seguinte, pela construção de um edifício para abrigar os encontros federais dos fócidos.¹⁴⁴ Como McInerney enfatizou, a repentina e comparativamente precoce aparição de evidências tão claras da emergência de um *koinón* fócido ressalta o impacto de duas formas particulares de intervenção externa ao longo do século sexto, quais sejam, a ocupação da Tessália e o aumento do envolvimento internacional em Delfos. As amplas implicações de ambos são fáceis de ver, mas difíceis de examinar detalhadamente. A ocupação da Tessália é cercada por tradições frequentemente conflitantes relatadas em fontes tardias e é apenas vagamente datada, principalmente pela referência de Heródoto [7.27] dos eventos finais como ocorrendo poucos anos antes da expedição persa. Fica claro que um sentimento anti-Tessália se manteve como uma poderosa força por trás da política fócida subsequente como, por exemplo, na decisão de tomar a atitude contrária aos tessalotas e resistir contra Mardonius [Heródoto 8.30], o que acabou resultando numa segunda, altamente destrutiva, ocupação [Heródoto 8.32-39].¹⁴⁵ Como

140 Vatin 1969.

141 Dasios 1992; Petronotis 1973 é mais útil para períodos posteriores, e Rousset 1999 faz uma análise valiosa da geografia política do clássico. Ver McInerney 1999: 87-92 para um resumo.

142 Como proposto, por exemplo, por Larsen 1968: 40-1 (*contra* McInerney 1998, 154-6).

143 Rousset 1999.

144 Cunhagem: Williams 1972: 9-17, 71-3. Phokikon: McInerney 1997 com bibliografia prévia (re-identificando a estrutura descrita como o heroon de Arquegetes por French e Vanderpool 1963). Data: McInerney 1998: 179-80.

145 McInerney 1998: 173-8, apesar de na luz da discussão acima, eu discordo de sua ava-

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		35 de 45									

no caso da Tessália, portanto, a atividade militar desempenhou um papel majoritariamente social (e, provavelmente, também econômico), mas em termos muito diferentes de resistência e liberação, agindo como um catalisador para a etnogênese e para a definição, por oposição, da identidade fócida. Bastante distante do efeito coesivo da resistência contra a ocupação externa, os eventos desse final (o assim chamado 'desespero fócido') ofereceram um rico escopo para a criação de uma história comum para o novo *koinón*, por sua vez reforçada pela reconfiguração simbólica dos principais santuários fócidos em uma rede nacional, como explorado no capítulo 3. No caso de Delfos, o crescimento estável do envolvimento estrangeiro com o templo e o oráculo, no final dos séculos VIII e VII a.C., criou não apenas uma coleção de interesses variada e complexa, mas também uma considerável demanda por serviços e bens de consumo. Aqui também, o conflito resultante teve implicações duradouras para o desenvolvimento econômico e territorial da Fócida como um todo.

Lócris oriental

Nossa terceira região estudada, Lócris oriental, é significativamente menor e mais homogênea do que a Tessália e a Fócida, sendo essencialmente uma série de planícies costeiras olhando para os estreitos da Eubéia e divididas por montanhas desde a Fócida a oeste e a Beócia ao sul (Figura 10). De acordo com Estrabão [9.4.2], se estendia a partir de Halai no sul até Termopilai ao norte e, historicamente, Lócris Opuntia (e, às vezes, toda a Lócris oriental) teve como centro a cidade de Opous, que pode ser identificada como a moderna Atalante, na qual uma atividade contínua pode ser traçada desde a Idade do Bronze.¹⁴⁶ A área ao norte, ao redor de Dafnous era talvez a mais vulnerável à separação, como e quando a Fócida buscou uma saída ao norte para o mar (separando assim a Lócris opountiana da Lócris epiknemidiana). Igualmente, a Lócris opountiana foi, em numerosas ocasiões subsequentes ao nosso período, classificada como parte da Liga Beócia. Historicamente, portanto, as comunidades da Lócris oriental eram por um lado unidas pelo seu acesso ao mar e, por outro, vulneráveis em graus variados aos interesses de seus vizinhos maiores. No entanto, em contraste com as relações como aquelas entre a Tessália e a Fócida, ou no caso da Arcádia, Tegéia e Esparta, em que a hostilidade sustentava clamores opostos de identidade regional, estes interesses poderiam oferecer certas vantagens

liação sobre a extensão da unificação da Tessália nesta data.

146 RE XIII, i, sv. Lócris (Oldfather); Philippson 1951, caps. II, III; Dakoronia 1993a: 117-22.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		36 de 45									

importantes (por exemplo, acesso às rotas comerciais). De fato, o efeito dos contatos externos durante nosso período, principalmente com a Eubéia e a Fócida, é de particular interesse.

Nesse sentido e apesar de sua área total pequena, há um motivo menos óbvio por trás da integridade política da Lócris oriental do que os de muitas outras regiões. De fato, não temos evidências diretas de nenhuma organização supra-regional formal antes do século V a.C. A Lócris Opuntia participou de expedições colonizadoras em pelo menos duas ocasiões. Enquanto nos faltam informações sobre a origem exata da 'Grécia central' (i.e. oriental ou ocidental) e dos colonizadores de Lócris que fundaram Lócris Epizefiriam em 679 ou 673 (de acordo com Eusébio), as fontes posteriores dão indicações do envolvimento de Lócris oriental.¹⁴⁷ Um pouco mais tarde, evidências diretas do assentamento de Lócris oriental em Naupactos foram fornecidas por uma inscrição que pode datar de 500-475 a.C., na qual se define a relação entre a terra natal e os locrianos orientais que partiram como colonizadores. Como Meiggs e Lewis sugerem, algum envolvimento dos locrianos orientais fica implícito pelo uso de sua escrita e pela localização da cópia sobrevivente em Chalaion (moderna Galaxidi). Apesar disso, suas provisões se relacionam diretamente com o leste e isso constitui a principal fonte de evidência para a organização da Lócris oriental neste período.¹⁴⁸ Fica claro que a cidade de Oupos desempenhou um papel dominante na região e há referências a uma assembléia dos Mil opuntianos que Larsen acredita ter sido uma organização federal (uma visão recentemente questionada por Heine Nielsen);¹⁴⁹ menções específicas aos perkótariai e aos miasqueis sugerem que famílias ou clãs tinham papéis específicos. A implicação de uma cidade dominante entre as muitas conhecidas na região, combinada ao que parece ser uma assembléia dominante ou ao menos uma aceitação pan-regional de certas regras de conduta, é interessante mas é impossível determinar a data e o processo por meio do qual isso aconteceu. Que uma região marítima como Lócris oriental estivesse envolvida na colonização é bastante surpreendente (Acaia oferece paralelos próximos), ainda mais quando tal atividade, por si mesma, não indica nada em termos de nível e de natureza da organização local, isso levanta questões de estratégia em gerenciar mudanças demográficas e econômicas que serão consideradas de maneira mais completa no capítulo 4.

De todas as regiões a serem consideradas, nossa compreensão do

147 Graham 1983: 115-16. Sobre o problema da etnicidade dos locrianos e suas subdivisões, ver Heine Nielsen 2000.

148 *ML* 20; Effenterre e Ruzé 1994, nº 43; Graham 1983: 40-66.

149 Larsen 1968: 52-3; *contra* Heine Nielsen 2000: 109-15.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		37 de 45									

assentamento inicial em Lócris oriental tem sido mais surpreendentemente transformada pela pesquisa arqueológica nos últimos vinte anos. Antes do estabelecimento da 14^a Eforéia de Antiguidades Pré-históricas e Clássicas, Halai era o único sítio que havia sido sistematicamente escavado. A torrente de informações que se seguiu é especialmente bem-vinda, já que escritores antigos raramente mencionam e, quanto mais, discutem a região. Achados do início da Idade do Ferro e do Arcaico provenientes da prospecção extensiva realizada por John Fossey¹⁵⁰, escavações sistemáticas renovadas em Halai (onde evidências do assentamento, cemitério e santuário datam do período Arcaico em diante)¹⁵¹ e, particularmente, uma série de muitas escavações de salvamento e de pesquisa conduzidas pela Eforéia a partir da metade da década de 70 em diante. Elas incluem sítios de assentamentos extensivos em Atalente e Kastraki, o porto e o assentamento de Kinos do final da Idade do Bronze e início da Idade do Ferro, cemitérios no interior do mesmo período (por exemplo, Agnandi) e os ricos cemitérios Proto-Geométricos e posteriores mais perto da costa, especialmente aquele em Tragana.¹⁵² Nosso conhecimento sobre quase todos os períodos foi grandemente ampliado, mas particularmente importante no contexto deste estudo é a dimensão das evidências proto-geométricas, que reforçam uma tendência clara para a maior parte do mundo grego de que para onde quer que o interesse se direcione neste período, uma quantidade substancial de novas evidências é encontrada. Apesar dessa riqueza de novas informações, no entanto, a dimensão da mudança da linha costeira (devida principalmente à atividade sísmica) complica reconstruções da geografia histórica da região.¹⁵³

Acaia

A Acaia atravessa a maior parte da costa norte do Peloponeso, desde sua cidade mais oriental, Pelene, que faz fronteira com Sicione até Dime no oeste (figura 11). Ao sul ela faz fronteira com Elis em direção ao oeste e, ao sul do Monte Panacaikon, com o território das Azanes Arcadianas (um *éthnos* mais profundamente discutido no capítulo 4), na região da moderna Kalavrita. Ambientalmente e culturalmente, o território da Acaia se divide em quatro sub-regiões¹⁵⁴ (figura 12). Ao longo da planície costeira estreita e pontuada desde

150 Fossey 1990a.

151 Coleman 1992.

152 Dakoronia 1993a; sobre a fase PG (proto-geométrica?) em Kinos, ver *Delt* 50 B (1995): 338-9.

153 Stiros e Rondogianni 1985; Ganas e Buck 1998 (modelo baseado em Halai).

154 Ver Morgan e Hall 1996 para uma revisão da literatura e dados históricos referente prin-

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		38 de 45									

Pelene até Neos Erineos, se localizavam grandes assentamentos, principalmente em séries de promontórios ou extensões de planícies, ao redor do fluxo dos rios. Como fica claro no caso de, por exemplo, Aegira (figura 13), a erosão extensiva reduziu substancialmente a quantidade de planaltos cultiváveis perto de determinados sítios. De fato, presumindo que o processo em Aegira tenha sido mais ou menos contínuo, os recursos disponíveis para seus habitantes no século VIII a.C., devem ter sido consideravelmente empobrecidos em comparação com a situação na época em que o assentamento foi fundado em tempos neolíticos. A área costeira é separada dos planaltos no interior (o vale Farai e a Azania Arcadiana) por uma cadeia de montanhas (Panacaikon, Aroania e Kilini) que limita o acesso sul para a Arcádia e Peloponeso central (figura 14). Fora das cidades costeiras, Aigeira a leste e Aigion bem para oeste (talvez o melhor porto natural ao longo do Golfo Coríntio, figura 15) parece ter tido uma quantidade substancial de territórios no interior, indicado pelas localizações de Feloe (Seliana), um *kome* de Aigira, e pelo controle de Aigion sobre o Templo de Artêmis em Ano Mazaraki (Rakita), no vale Meganeitas. A segunda sub-região compreende o que viria a ser a *khóra* de Patras, que em período Clássico se estendia de Drepanon, talvez até Tsoukaleika e consistia em uma planície mais ampla com algumas divisões naturais, assim como o sopé norte do Panacaikon. A terceira área fica a oeste do rio Peiros, ao redor de Dime (moderna Kato Acaia), que compreende talvez a maior área de planície costeira (incluindo as baixadas pantanosas ao redor do Cabo Araxos) mais os planaltos mais baixos e ondulados a oeste do Monte Erimantos.¹⁵⁵ Por fim, há o vale Farai, um vale em forma de funil que se estende para o interior ao sul do Panacaikon, pontuado por planícies bem irrigadas¹⁵⁶ (Figuras 16 e 17). Como Jonathan Hall e eu argumentamos, essas divisões, enquanto primariamente topográficas, ecoaram no registro material por meio de agrupamentos de sítios e da distribuição de tipos e estilos de artefatos e servem para ressaltar os graus de diversidade na região, refletidos no ritmo e nos padrões de desenvolvimento local. Essa aguda justaposição de diferentes trajetórias de assentamentos em diferentes ambientes é uma característica distintiva que também ecoa na Arcádia, como discutido acima.

Até recentemente, os estudos sobre a história inicial de Acaia, apesar de explorarem completamente as poucas fontes literárias, sofreram tanto pela falta de dados arqueológicos e pela preocupação analítica em traçar as raízes

principalmente aos séculos VIII ao VI a.C.

155 Sobre a paisagem física da Acaia ocidental, ver Dalongeville 2000.

156 Philippson 1959, cap. V, c, d; Philippson 1951, caps. II, III. Petropoulos 1985 na fronteira com Arcádia.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		39 de 45									

da liga posterior, pós 280 a.C., retroagindo as especulações sobre a forma de organização regional.¹⁵⁷ No decorrer das últimas duas ou três décadas, no entanto, explorações renovadas têm transformado nosso entendimento sobre o registro arqueológico.¹⁵⁸ Um programa de prospecção de superfície extensiva e intensiva iniciado em 1986 pela 6ª Eforéia de Antiguidades Pré-históricas e Clássicas (Patras) e pelo Centro pelas Antiguidades Gregas e Romanas (KERA) da Fundação Nacional Grega de Pesquisa (EIE) cobriu, até agora, a área de Dime e da *khóra* de Petras, e está programado para continuar.¹⁵⁹ Em Dime propriamente dita, escavações de salvamento têm produzido vestígios de um pequeno assentamento estabelecido no período Arcaico. Ao longo da costa norte, novas escavações sistemáticas do assentamento e do santuário na e ao redor da acrópole de Aigeira têm sido conduzidas pelo Instituto Arqueológico Austríaco¹⁶⁰, as escavações foram retomadas (prospecção a seguir) no que deve ter sido o sítio de Ripes (Monte Trapeza)¹⁶¹ e um trabalho de salvamento tem sido realizado em muitas ocasiões, notavelmente para acompanhar a construção de duas estradas nacionais e da estrada de ferro Atenas-Patras. Em dois outros grandes assentamentos, Aigion e Patras, as escavações de salvamento no decorrer de muitas décadas têm produzido volumes substanciais de informações. Em Patras, os níveis mais antigos estão profundamente enterrados e muito estrago tem sido causado por construções posteriores, mas no caso do Aigion nós temos uma compreensão básica sobre a formação e expansão da cidade durante nosso período.¹⁶² No vale Farai, períodos significativos de pesquisa durante o final da década de 1920 e metade da década de 1950 resultaram na descoberta de uma série de enterramentos do início da Idade do Ferro e do Arcaico, embora, apesar da descoberta de extensos assentamentos micênicos

157 Entre eles notavelmente está Anderson 1954, apesar de insuperável em outros aspectos; ver também Koerner 1974. Para revisões mais recentes, ver Morgan 1991; Morgan e Hall 1996.

158 Ver Morgan e Hall 1996 para um resumo dos resultados da pesquisa arqueológica por toda a Acaia para o início da Idade do Ferro e período Arcaico. Rizakis 1995 faz uma minuciosa revisão dos testemunhos literários relativos aos dados arqueológicos e topográficos Sobre a paisagem física da Acaia ocidental, ver Dalongeville 2000.

Philippon 1959, cap. V, c, d; Philippon 1951, caps. II, III. Petropoulos 1985 na fronteira com Arcádia.

Entre eles notavelmente está Anderson 1954, apesar de insuperável em outros aspectos; ver também Koerner 1974. Para revisões mais recentes, ver Morgan 1991; Morgan e Hall 1996.

159 Rizakis 1992; Petropoulos e Rizakis 1994; ver também estudos em Rizakis 2000.

160 Evidências iniciais são resumidas em Alzinger et al. 1985 e 1986; Gogos 1986; ver também publicação futura de Bammer.

161 Publicação futura de Vordos; *Delt* 50 B (1995) 238-9. Sobre a identificação de Ripes, ver o resumo das discussões sobre as prospecções regionais da 6ª Eforéia/KERA-EIE: *Delt* 50 B (1995) 231-2.

162 Papakosta 1991.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		40 de 45									

e sub-micênicos em Chalandritsa, relativamente pouco material posterior tem aparecido recentemente.¹⁶³ Claramente, portanto, evidências provenientes de todas as partes da Acaia são apenas a ponta do iceberg e argumentos negativos devem ser tratados com cuidado. No entanto, o quadro não é uniforme para toda a região, já que uma proporção maior de sítios conhecidos ao longo da costa norte e na região de Patras tem sido escavada, originando um quadro mais preciso da natureza dos artefatos, costumes funerários e da arquitetura, do que aquilo que existe atualmente sobre as regiões ocidentais e o interior.

A indicação mais antiga sobre a percepção de Acaia como uma entidade geográfica com subdivisões internas aparece na muito citada passagem na qual Heródoto [1.145] registra a divisão da região em doze *mére*, que ele denomina de Pelene, Aigeira, Aigai, Boura, Helike, Aigion, Ripes, Patris (Patrai), Faris (Farai), Olenos, Dime e Tritaies (Tritaia). Essa divisões também são citadas, com mudanças pequenas e compreensíveis, por autores posteriores, alguns dos quais parecem ter se baseado diretamente na narrativa de Heródoto.¹⁶⁴ O sentido do termo *méros* fica pouco claro, no entanto, a não ser pelo sentido matemático aceito de produto de um ato de divisão. Heródoto não oferece explicações (apesar de que isso dificilmente seria esperado numa discussão focada na origem das doze pólis da Jônia) e seu uso em outras regiões (Beócia, por exemplo) sugere propósitos não consistentes ou prontamente transferíveis.¹⁶⁵ Isso sugere, no entanto, uma percepção do todo e, então, a relação entre a divisão de doze partes da Acaia sugerida por uma leitura literal da narrativa de Heródoto e as divisões

163 PAE 1929: 86-91; PAE 1930: 81-8; PAE 1952: 400-12; PAE 1956: 193-201; Morgan e Hall 1996: 189-93, 231, notando a descoberta de um depósito votivo arcaico de um templo em Prevedos: *Delt* 44 B (1989) 133.

164 Estrabão [8.7.4]; Silas [42]; Políbio [2.4.1]; Pausânias [7.6.1]; [7.18.7]; [7.22.1]; [7.22.6].

165 Morgan e Hall 1996: 168-9, 217 nota 25. Helly 1997 recentemente buscou estender para a *mere* acaiana, o propósito constitucional-militar que ele atribui às divisões tessalônicas desde seu início (Helly 1995, notando que Helanikos de Lesbos, *FrGHist* 4, fr. 52, nomeia as tétrades tessalônicas de *moirai*, ver 56, 150-1). Ele então define uma divisão matemática real do corpo de cidadãos, com noventa e um *demes* existentes no tempo de Heródoto (*demes* que, ele argumenta, não precisam ter centros físicos visíveis no registro arqueológico). É difícil avaliar o ponto de vista de Helly considerando-se a falta de evidências provenientes da Acaia, apesar de impor a questão da data anterior de aceitação de um esquema uniforme (senão de autoridade dominante) em uma região tão diversificada. Comparações entre o registro arqueológico (ver Morgan e Hall 1996) e os nomes e localizações dos mesmos não mostram grandes desajustes, e o uso que Heródoto faz desses nomes poderia, portanto, refletir racionalizações de sistemas de assentamentos localizados prontamente traduzíveis para a estrutura de explicação necessária para sua discussão sobre a Jônia. Contrastando com a Tessália, no entanto, o fato da Acaia, como uma entidade regional, não estar grandemente envolvida nos assuntos militares do mundo grego mais amplo (incluindo as Guerras Persas) faz com que seja difícil entender a relevância militar de tais divisões (sendo o serviço mercenário mais provavelmente organizado em bases pessoais). Em resumo, a reconstrução constitucional antecipada por Helly não está automaticamente baseada no sentido matemático (não controverso) de *méros* como uma divisão.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		41 de 45									

mais amplas geográficas e culturais evidentes no registro da Idade do Ferro inicial e do Arcaico, estas requerem investigações mais profundas (ao menos como um ponto de comparação para o tratamento contemporâneo da geografia social da vizinha Arcádia).¹⁶⁶ É, por exemplo, interessante notar um contraste entre aqueles nomes de *méros*, que aparecem como plurais étnicos e estão localizados no interior, e os do caso de Patras, que se relacionam com uma pólis e uma história complexa de sinecismo e *dioikismós*¹⁶⁷ assim como, aqueles no singular, que parecem mais ligados a lugares e são geralmente encontrados ao longo da costa norte. A única exceção, Dime, provavelmente reflete sua relação geográfica com as mais antigas terras centrais [Estrabão 8.7.5] e é, portanto, uma reflexão interessante sobre as percepções topográficas contemporâneas.¹⁶⁸

A data da primeira estrutura política regional dominante e, portanto, da politização ativa do étnico regional tem sido objeto de considerável debate. Enquanto é quase certo que a liga acaiana tenha existido antes da re-fundação de 280 a.C., sua data e natureza são mais difíceis de estabelecer. A discussão de Políbio sobre a Acaia foca-se na liga pós 280 a.C. e não mostra um conhecimento real sobre nenhuma organização regional que não seja sobre as cidades-estado.¹⁶⁹ As evidências anteriores são mais fragmentadas, mas como Jonathan Hall e eu argumentamos, enquanto pode ter havido um sentido crescente de identidade coletiva, parece haver pouco que indique a existência de qualquer estrutura política dominante muito antes do final do século V a.C.¹⁷⁰ A partir do final do século VIII a.C. em diante, a colonização acaiana de Síbaris (que por sua vez fundou Poseidônia), Crotona (que pode ter sido a *metrópolis* de Caulônia, se esta não foi fundada diretamente pela Acaia do Peloponeso) e Metaponto, definem esta região como uma das mais ativamente envolvidas do ocidente (como será argumentado no capítulo 4, há crescentes evidências que suportam contatos anteriores no oeste e noroeste também). É difícil sustentar a

166 Morgan 1999b: 383-5.

167 Rizakis 1998: 20-1.

168 Morgan e Hall 1996: 186-9; para uma revisão sistemática dos dados de escavações e de prospecções da área, ver Rizakis 1992; Lakaki-Marchetti 2000.

169 Rizakis 1991a: 53; ver também Walbank 1972: xi.

170 Morgan e Hall 1996: 164-5, 193-9. Walbank 2000: 22-7 reitera a posição (sobre a qual Hall e eu permanecemos críticos) de existência de uma liga anterior ao século IV a.C., baseada em discussões substancialmente posteriores (principalmente em Políbio e Lívio) sobre o papel do santuário de Zeus Homarios, apesar de não ficar claro quanto cedo ele deseja que ela tenha começado (sobre a questão das ligas religiosas iniciais, ver cap. 3 aqui abaixo). Parker 1998: 31-2 é mais cauteloso ao sugerir que, por volta do século V a.C., o culto de Zeus Homarios pode ter começado a ser visto como um símbolo da identidade acaiana e, contanto que ele não carregue implicações políticas formais, isso parece plausível, se bem que inevitavelmente menos seguramente comprovado do que se gostaria. Cf. Larsen 1968: 80-9, 216.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		42 de 45									

sugestão de Larsen, de que a colonização constitui evidência da unidade política acaiana do século VIII a.C., no entanto, como será argumentado no capítulo 4, uma variedade de fatores em diferentes partes da Acaia pode ter contribuído para aumentar a mobilidade demográfica de vários tipos e a colonização deve ser compreendida dentro deste contexto comparativo mais amplo (fazendo eco à observações anteriores sobre a colonização de Lócris e sobre a mobilidade militar da Tessália). Dificilmente surpreende descobrir que um étnico regional poderia ser tão efetivo quanto o *politikón* de uma cidade-mãe como o principal ponto de referência para a criação de uma identidade política colonial. Mais interessante, no caso da Acaia (como também na Fócida, como notado), é a questão da dimensão e natureza do engajamento com comunidades políticas vizinhas, e o papel específico do golfo coríntio como um foco de comunicação e interação notando, em particular, a dialética entre percepções internas e externas na definição da identidade grupal.¹⁷¹

Arcádia

A paisagem da Arcádia é talvez a mais distinta dentre todas as regiões consideradas aqui (figura 18). Muito da região consiste em planícies altas cercadas por montanhas; o fundo do vale mais baixo (na Arcádia ocidental, figura 19) fica a cerca de 400 m acima do nível do mar, subindo cerca de 950 m no norte (Lousoi, figuras 20 e 21), onde as montanhas atingem por volta de 2300 m de altura. Enquanto as mais ricas terras de agricultura ficam no leste, não há variação substancial na qualidade ou natureza dos recursos disponíveis na região como um todo e, portanto, limitações ambientais de estratégias econômicas foram sentidas por toda a região, assim como a necessidade de cooperação entre as comunidades numa vasta gama de assuntos desde saneamento (especialmente no leste, figura 22) até a manutenção de estradas e trocas de trabalho, mercadorias e recursos (metal, por exemplo).¹⁷² Questões de demografia (o nível de população permanente sustentável e o tamanho ideal do grupo) também são particularmente pertinentes nessa região. É talvez previsível que preocupações comuns desse tipo encorajassem percepções complexas de território e de demarcação de território, assim como, de tempos em tempos, a

171 Larsen 1968: 83. Morgan e Hall 1996: 199-214. Sobre a identidade no Peloponeso e na Acaia ocidental nos períodos coloniais e imediatamente pós-coloniais, ver publicação futura de Morgan e de Hall.

172 Limitações econômicas e oportunidades: Roy 1999 (ver 324 sobre chuva e saneamento). Saneamento: Knauss 1988 e 1999, Knauss et al. 1986. Estradas: Pikoulas 1999.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		43 de 45									

dominação temporária de *pólis* maiores sobre suas vizinhas menores. Mais problemática é a emergência de qualquer percepção dominante de identidade regional.

Na Arcádia, como na maioria das regiões consideradas, um trabalho sintético tem extraído com freqüência grandes quantidades de informação decorrentes de muitas décadas de pesquisas.¹⁷³ Estas, combinadas aos resultados das mais recentes escavações em larga escala e aos projetos de prospecção (notavelmente em Aséia, Tegéia e o vale Feneus)¹⁷⁴ e à contínua exploração extensiva (em particular, o trabalho contínuo de Yanis Pikoulas)¹⁷⁵, fornecem uma cobertura substancial, se bem que inevitavelmente inconstante, da região e informações certamente adequadas para abordar questões básicas de desenvolvimento local e regional. A natureza do registro é, no entanto, um tanto diferente daquela das outras regiões até agora consideradas. Apesar de uma longa tradição em prospecção extensiva de superfície, evidências iniciais de sítios que não as de santuários se mantêm limitadas e os túmulos, em particular, são raros.¹⁷⁶ Há, claramente, um problema de visibilidade na superfície das cerâmicas anteriores ao século VI a.C., e a escassez de dados de prospecção resultante é também um importante fator por trás da falta de escavações de assentamentos iniciais e é difícil identificar localizações para pesquisa detalhada. O fato de que a maioria das evidências do início da Idade do Ferro provem da Arcádia oriental reflete amplamente a concentração de escavações de sítios de todos os períodos. A maior quantidade de evidências do início da Idade do Ferro e do Arcaico vem de santuários¹⁷⁷ e, como será discutido no capítulo 3, a variação nos conteúdos dos depósitos votivos iniciais e na forma física dos santuários (incluindo templos construídos) constituem importantes evidências da evolução dos interesses das comunidades de culto ao longo do tempo, a habilidade de mobilizar recursos e a relação entre sistemas locais e consciência regional a partir do século VI a.C. em diante.

Como Thomas Heine Nielsen argumenta, enquanto o nível primário de identificação para a maioria dos habitantes da Arcádia provavelmente se manteve como comunidades de lugar, que eram, em muitos casos, explicitamente

173 *CPCActs* 6 é a revisão mais abrangente e recente.

174 Aséia: Forsen et al. 1996; Forsén et al. 1999. Tegéia: Ostby et al. 1994; Odegard pers. comm. Feneus: Tausend 1999.

175 Exemplificado por Pikoulas 1988.

176 Ver Morgan 1999b para uma revisão das evidências do início da Idade do Ferro e do Arcaico com bibliografia (túmulos estão listados na nota 32).

177 Voyatzis 1999; ver também Jost 1985 para comparação das evidências literárias e arqueológicas.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		44 de 45									

chamadas *póleis*, um sentido de identidade da Arcádia estava presente no final do século VI a.C., mesmo que as fronteiras regionais estivessem mudando.¹⁷⁸ De fato, a Arcádia era fundamentalmente uma construção humana, a terra habitada por arcadianos em qualquer momento determinado e, esse sentido de geografia ondulante e de uma dinâmica complexa entre pessoas e lugares, entre a criação de territórios da comunidade e sua politização como arcadianos, está presente nos tratamentos iniciais da região, notavelmente naqueles de Homero e Heródoto.¹⁷⁹

Fica claro que, por volta do século V a.C. no máximo, a identidade arcadiana teve real saliência política (quaisquer que fossem as origens e funções da cunhagem de moedas *Arkadikón*, por exemplo, a exploração do nome é notável), apesar de não haver evidências de federação formal antes de 370 a.C. (também chamada de *Arkadikón*).¹⁸⁰ Mas um estudo do registro arqueológico deixa claro que essa identidade mais ampla emergiu a partir de uma grande diversidade e que a complexidade do lugar subjacente e da estrutura sub-regional não estava perdida. A Arcádia não tem características físicas que pudessem unir as comunidades em uma área maior do mesmo modo que, por exemplo, o golfo coríntio ajudou a unir as comunidades do norte da Acaia ou o golfo da Eubéia ajudou as comunidades de Lócris oriental, dentro de sistemas mais abrangentes de troca e comunicação. Ao contrário, a existência de vizinhos poderosos e às vezes hostis como Argos e Esparta (e, a partir do século VI a.C. em diante, Elis) gerou respostas bastante localizadas em termos de auto-definição, defesa, interação e acomodação com os não-arcadianos. A imagem da Arcádia como o coração incluso e misterioso do Peloponeso apresentada, por exemplo, no Livro 8 de Pausânias, simplesmente não se adequa às evidências do início da Idade do Ferro e do Arcaico.¹⁸¹ A este quadro de comunidades de lugar competindo e cooperando, operando sob um conceito dominante da Arcádia, nós devemos somar os agrupamentos sub-regionais comumente chamados de tribos, apesar de serem, como notado, efetivamente *éthne* em menor escala. Isso não se estende uniformemente por toda a região: com exceção de Azanes ao norte, nomes tribais preservados, mainalianos, parrasianos [atestado no *Catálogo de Navios; Ilíada* 2.603-9], eutresianos e kinourianos pertencem ao sudoeste da Arcádia, apesar disso refletir o fato de que muita informação deriva de relatos do sinecismo de Megalópolis. James Roy tem argumentado que o sistema tribal

178 Heine Nielsen 1999.

179 Heine Nielsen 1999: 47-51; Morgan 1999b: 383-5.

180 Williams 1965; Heine Nielsen 1996b; Psoma 1999.

181 Jacob 1980-1.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Estados Gregos Iniciais além da Pólis	Jan / 2010
labeca		45 de 45									

antecedeu a organização da pólis e interrompeu o crescimento dos centros urbanos no século V a.C. Por outro lado, Thomas Heine Nielsen prefere ver as tribos como um fenômeno posterior, desenvolvido no contexto da rivalidade entre cidades. O equilíbrio entre tribo e comunidade era, portanto, problemático e provavelmente variável.¹⁸²

O caso dos azanias levanta a importante questão adicional acerca do destino de um *éthnos* que perdeu preponderância política. Apesar de bem atestados pelo registro material do século VIII a.C. e do Arcaico e tratados como grupo com uma identidade distinta nas descrições dos eventos arcaicos [por exemplo, Heródoto 6.127], os azanias efetivamente deixaram de existir como um grupo politicamente preponderante no período Clássico. O nome aparece em fontes posteriores, mas mais como um produto de memória histórica [como, por exemplo, Estrabão 8.8.1], do que como uma força viva na política social contemporânea. Enquanto a atenção analítica tem se concentrado no fenômeno da etnogênese, os azanias da Arcádia se constituem em um dos mais impressionantes casos de circunstâncias opostas, a morte de um *éthnos*.¹⁸³

Todos esses estudos de casos mostram uma gama de características e problemas em comum, incluindo variações internas no desenvolvimento social e estruturas complexas de identidades em níveis, localizadas e regionais. Problemas mais específicos, tais como os efeitos de pressões demográficas, mobilidade sazonal ou guerras, na construção da identidade regional podem ser ressaltados em cada caso. Além disso, seus grupos geográficos na Grécia central e norte e centro do Peloponeso criam um escopo para considerações sobre interações entre eles e com *póleis* vizinhas, em relação às grandes rotas de comunicação (especialmente aquelas associadas ao golfo coríntio). Com estas questões em mente, nós vamos avançar nas considerações sobre as maneiras específicas por meio das quais a identidade poderia ser articulada, começando pelos papéis representados pelos assentamentos localizados e, especialmente, os grandes sítios, antes de nos dirigirmos para as comunidades de culto e a construção do território.

182 Roy 1972a e b; Heine Nielsen 1996a.

183 Heine Nielsen e Roy 1998; Petropoulos 1985.